UNIVERSIDADE DE SOROCABA PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Suad Aparecida Ribeiro de Oliveira

O PRIMEIRO PARQUE INFANTIL DE SOROCABA: O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CIRCUNSTÂNCIAS ESPECÍFICAS DE SUA CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO

Sorocaba/SP 2010

Suad Aparecida Ribeiro de Oliveira

O PRIMEIRO PARQUE INFANTIL DE SOROCABA: O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CIRCUNSTÂNCIAS ESPECÍFICAS DE SUA CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Regina Boschetti

Sorocaba/SP 2010

Dedico este trabalho inteiramente a meus filhos, Karin, Vanessa, Priscila e Miguel Neto, e a meus netos, Lucas, Caio e Tales, por me permitirem viver novamente e intensamente a mais perfeita fase que o ser humano possui, a sua infância.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Benedito e Ariete (*in memorian*), meus primeiros mestres e principais incentivadores na busca do conhecimento.

A meus irmãos, mesmo não estando sempre por perto, sentia seu carinho e a admiração.

Ao apoio incondicional do meu amado Miguel, mesmo quando de minhas "ausências", nos momentos de diálogos, soube silenciar, por seu profundo respeito a minha introspecção e imersão nos estudos.

A meus filhos, pelo amor, respeito e compreensão pelas tantas " faltas" de sua progenitora.

Ao Prof. Dr. José Luis Sanfelice, primeiro incentivador deste trabalho, pela sua generosidade, infinita paciência, partilha e, principalmente, pelo seu modo de ensinar.

À Profa. Dr^a Marta Maria Chagas, agradeço por suas aulas e pelas primeiras orientações para esta dissertação.

Ao Prof. Dr. Luis Carlos Barreira, agradeço pelas valiosíssimas contribuições, por sua escuta, amizade, competência e por ter me iniciado no caminho das primeiras escritas neste trabalho de dissertação de mestrado.

À Prof^a. Dra Vânia Regina Boschetti, agradeço por suas valiosas orientações ao término deste trabalho e, principalmente, pela confiança, disponibilidade e acolhida, agradeço por nossos encontros, através dos quais aprendi, partilhei minhas dúvidas, expectativas e desejos, em relação ao modo de fazer pesquisa.

À Prof^a Dra Valdelice Borghi Ferreira e ao Prof Dr. Wilson Sandano, agradeço pela colaboração e pelas considerações importantíssimas quando da qualificação deste trabalho.

A meus amigos, alunos do mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba, pelo companheirismo, trocas de experiências e conhecimentos.

A meus amigos da Prefeitura de Sorocaba / Secretaria da Educação, por acreditarem que esta pesquisa traria benefícios para a população estudantil de Sorocaba.

Por último, mas, de modo algum menos importante, deixo registrado meu agradecimento aos professores, funcionários e à diretora do Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros" (ontem), CEI nº 1"Antonio Carlos de Barros" (hoje), sem os quais esta pesquisa não teria êxito.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a criação e instalação do Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros", em setembro de 1954 - o primeiro da cidade de Sorocaba-SP no atendimento à educação pré-escolar municipal. Pesquisa o contexto histórico e as circunstâncias da instituição, apontando para a problemática social que, em meados do século XX, levou segmentos da sociedade a reivindicarem a instalação de educação infantil como uma forma de atender as crianças e as famílias no interior de uma sociedade que, ao se industrializar, fez emergir necessidades de conciliação entre a educação da criança e a mão-de-obra feminina e o sistema de produção econômica em Sorocaba. Apresenta a concepção de infância à época e as primeiras instituições de atendimento infantil no Brasil e na cidade de São Paulo. Observa a preocupação com a saúde, alimentação, higiene e sobrevivência, em função do precário saneamento e das moléstias que afetavam a criança, acarretando altos índices de mortalidade. Tal atendimento, nas décadas de 1920 e 1930, passa a manifestar um cuidado quanto à criação e melhoria dessas instituições em relação às crianças: o incentivo à aprendizagem, o desenvolvimento psicológico e social, essencialmente. Os principais subsídios teóricos que norteiam este trabalho são de autores como Ariès, Khulmann Jr, Kishimoto e Thompson. Para suporte material, foram localizados e analisados, documentos impressos no jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, e fontes iconográficas, de arquivos públicos e particulares. Com a análise dos documentos e dados coletados, a presente pesquisa avalia a contribuição dessa instituição para a sociedade na época e sua influência no cenário educacional. Este estudo pretende somar-se aos trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação, através da elucidação dos ideais de educação que marcaram o período de criação do Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros", com sua importante atuação no cenário educacional sorocabano por mais de 50 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da Educação Infantil. Infância. Fontes e Fundamentos.

ABSTRACT

This paper aims to study the foundation of the public kindergarten "Parque Infantil Antonio Carlos de Barros", in September 1954 - the first in the city of Sorocaba-SP to attend infants before school age. It researches historical aspects and circumstances of the institution that was due to attend the infants and their families within the new concept of childhood. As reference, other institutions in the state capital city and in the country are analyzed, as to their criteria for taking care of infant health, nutrition, hygiene, and survival, considering the bad sanitation conditions in the country during the decades of 1920-1930. That extra care was meant to improve general infant development. The dialogue is performed with theorists such as Ariès, Khulmann Jr, Kishimoto, and Thompson. Documents published by the local newspaper Cruzeiro do Sul as well as iconographic sources were also analyzed. With that material, it was possible to evaluate the contribution that institution gave to the city and its influence in the general educational scenario. This study seeks to add to other scientific studies been developed in the field of History of Education, through the elucidation of educational ideas that marked the period of that kindergarten foundation, as a significant educational agency in the city, for over 50 years.

KEY WORDS: Historiography of Infant Education. Childhood. Sources and Fundamentals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Obras do primeiro Parque Infantil de Sorocaba, 1954		
Figura 2 - Finalização das obras do Primeiro Parque Infantil de Sorocaba, 1954		
Figura 3 - Primeiro Parque Infantil de Sorocaba - Vista da lat. esquerda da obra concluída, 1954		
42		
Figura 4 - Primeiro Parque Infantil de Sorocaba - Vista lat. direita, 1954		
Figura 5 - Sequência de apelos publicados no Jornal, atentando para a necessidade da instalação		
do Parque Infantil na cidade		
Figura 6 - Construção da linha do bonde, ligando o bairro ao Parque Infantil, 1954 46		
Figura 7 - Linha do bonde que liga ao Parque Infantil, 1954		
Figura 8 - Lei Municipal 384, de 9 de dez. 1954, que dispõe sobre a denominação do Parque		
Infantil		
Figura 9 - Página do primeiro Livro Ponto dos funcionário do parque Infantil, 1954 50		
Figura 10 - Turma I, da professora Ângela Oliveira Bella, em atividade no tanque de areia, 1955		
51		
Figura 11 - Atividades na piscina - turmas II e II, com as professoras Maria Domingas Tótora e		
Maria Enedy Falcato, 2 de fevereiro 1955		
Figura 12 - Alunos em atividades de dramatização com fantoches, 1955		
Figura 13 - Alunos em atividade de dramatização - "Chapeuzinho Vermelho", 1955 54		
Figura 14 - Festa de Páscoa, com a presença de autoridades e do prefeito Dr. Emerenciano		
Prestes de Barros, abril, 1955		
Figura 15 - Festa de Páscoa, com a presença de autoridades políticas e eclesiásticas, abril 19		
Figura 16 - Visita do prefeito, Dr. Armando Panunzio, na festa de Natal, 1974 57		
Figura 17 - Alunos apresentando um número musical na festa de Páscoa, 1955		
Figura 18 - Alunos na festa de Páscoa, 1955		
Figura 19 - Alunos na festa de Natal, 1955		
Figura 20 - Teatro "Casa das Bonecas", apresentado pelas alunas aos pais, na festa de Natal,		
1956		
Figura 21 - Desfile de 7 de Setembro, nas ruas São Bento e XV de Novembro, 1955 60		
Figura 22 - Desfile de 7 de Setembro, nas ruas São Bento de XV de Novembro, 1955		
Figura 23 - A bandeira do Parque sendo levada à frente, por quatro alunos em trajes de gala -		
Desfile de 7 de Setembro, 1956		
Figura 24 - Abertura do desfile de 7 de Setembro, nas ruas S. Bento e XV de Novembro, 1957		

SUMÁRIO

MEMORIAL			
<u>1</u> <u>I</u>	NTRODUÇÃO	13	
2 / 2.1	A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA EDUCAÇÃO INFANTIL	<u>16</u>	
2.2	EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	21	
2.3	EDUCAÇÃO INFANTIL NO ESTADO DE SÃO PAULO	31	
2.3.2	1 JARDINS DE INFÂNCIA EM SÃO PAULO	31	
2.3.2	2 CRECHES E ESCOLAS MATERNAIS EM SÃO PAULO	34	
2.3.3	3 CRIAÇÃO DOS PARQUES INFANTIS EM SÃO PAULO	35	
	GÊNESE DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM SOROCABA: O PARQUE INFANTIL ANTO		
	BARROS	39	
3.1	A CIDADE E O BAIRRO DO ALÉM PONTE		
3.2	ENTENDENDO O COTIDIANO DA INSTITUIÇÃO	47	
3.3	A INSERÇÃO DO PARQUE NA VIDA DA CIDADE	55	
	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	64	
4.1	QUESTÃO DE GÊNERO E EDUCAÇÃO		
4.2	OS VÁRIOS TIPOS DE CARÊNCIA		
4.3	VENCENDO OBSTÁCULOS	69	
4.4	QUESTÕES DE IDENTIDADE E GRATIFICAÇÃO	72	
<u>5</u> <u>(</u>	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75	
REF	ERÊNCIAS	77	
<u>APÊ</u>	NDICE A: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS GRAVADAS	79	
ANE	XO A – ARTIGO: O HÁBITO DA ATIVIDADE MUSCULAR	95	
	ANEXO B – ARTIGO: PARQUES INFANTIS (1) 9		
ANEXO C – ARTIGO: PARQUES INFANTIS (2) 97			
ANEXO D – EDITAL DE MATRÍCULA: 31/07/1954			
	XO E – ARTIGO: PRIMEIRO PARQUE INFANTIL DE SOROCABA	99	
	XO F – ARTIGO: É UMA REALIDADE O PARQUE INFANTIL DE SOROCABA	100	
	XO G – ARTIGO: 1º PARQUE INFANTIL DE SOROCABA XO H – REGIMENTO INTERNO DOS PARQUES INFANTIS DE SOROCABA	101 102	
<u> </u>	AS IT RESIDENTS INTENIES DOST ANGUES INTANTIS DE SUNUCADA		

MEMORIAL

Minhas Lembranças...

Verão quente de 1962. O sol demonstrava toda a sua energia naquela tarde que tinha tudo para ser igual às outras.

Lembro-me, tão bem, de minha mãe segurando minha mão. Logo atrás, vinham minhas duas irmãs: Fátima, com seis anos, e Regina, cinco. Mamãe estava contente, pois havia conseguido vaga no Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros" para mais uma filha. As duas mais velhas já frequentavam há mais de um mês. Para ela, seria um "alívio", pois tinha ainda mais dois filhos menores para cuidar. Papai trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana, mas nessa época estava se restabelecendo de um tétano que contraíra, e a situação em casa não era das melhores. Provavelmente, mamãe até pensasse "Bendito seja o Prefeito Emerenciano, por inaugurar esse Parque!".

Durante o trajeto, minha mãe procura me convencer das maravilhas da escola. Não se cansava de falar o quanto eu iria gostar de ir para o Parque Infantil, pois lá iria poder brincar, ter vários amigos, saborear a merenda, que era gostosa e, ainda por cima, as professoras eram muito boas.

Contudo, ao chegar ao portão de entrada da escolinha, senti um certo medo, talvez porque achasse que mamãe não voltaria mais ou que talvez me esquecesse... Sei lá. Lá de longe, uma senhora nos avistou e veio abrir o portão. Ao entrar com as demais crianças, mamãe foi logo falando que sua filha começaria a frequentar o Parquinho naquele dia, contou-lhe que meu nome era Suad e que eu tinha três anos.

A mulher, então, pegou-me pela mão para levar-me à professora. Olhei para trás várias vezes para ver minha mãe e senti, naquele instante, que um choro incontrolável tomava conta de mim, as lágrimas rolavam em minha face. Minhas irmãs, já habituadas com a rotina da escola e frequentando a mesma turma, correram ao encontro da professora que já esperava as crianças na porta da sala...

Buscar no passado, não tão distante, a história dos Parques Infantis, fez-me mergulhar em lembranças do tempo em que era criança e iniciava meu ciclo educacional. A história da Educação Infantil está presente em minha vida desde muito cedo. Frequentei Parques Infantis dos três aos doze anos de idade. Sem medo de errar, posso afirmar que muito mais do que fatos, fotos e registros, recordar essa história – constituída por momentos marcantes que, neste doce exercício, revelam-se

inesquecíveis e imprescindíveis à formação de minha própria identidade, da minha vida – faz ressaltar em mim a mais pura emoção.

Revivo, na memória, um turbilhão de acontecimentos. Desperto os arquivos da minha alma. Volta-me a alegria e, nessa viagem nostálgica, localizo-me numa época muito diferente da atual. Acho, até, que a ingenuidade, a pureza e cultivo de valores essenciais à vida, características próprias daqueles anos, tinham um pouco daquilo que era vivido em família, onde o afeto, a ternura e a compreensão tinham importância vital, tão diferente da vida veloz, fragmentada e sem muito sentido que hoje se vive.

E nesse mergulho em busca das minhas origens, lembro-me que ao completar três anos de idade já era uma aluna de um parque infantil, aliás, o primeiro da rede municipal de Sorocaba. Denominado Parque Infantil Antonio Carlos de Barros, ficava na Vila Hortência. Foi lá que me deparei com vários tipos de pessoas, com diferentes formações e histórias familiares, formando um novo conjunto de qualidades, as quais fui desenvolvendo, aprendendo enquanto recebia um novo tipo de educação – fora do ambiente familiar – designado a crianças de famílias simples e operárias.

Percebo, hoje, já enfrentando os desafios de uma idade adulta que me foi garantido, com aquela decisão de minha mãe, o direito à infância. E esse direito foi materializado por meio de vivências, brincadeiras, da arte e dos jogos tradicionais infantis, pois nesse contexto, sem o psicologismo exagerado e sem os modismos teórico-metodológicos, tive a oportunidade de ser criança, de viver a especificidade dessa fase da vida.

O privilégio de brincar, de expressar-me das mais variadas formas e intensidades, promoveu-me o exercício de todas as minhas dimensões humanas.

Com o passar dos anos, nossa família mudou-se para a Vila Santana e minha mãe matriculou-me, já então com oito anos, no Parque Infantil Marina Grohman.

O maior tempo de meu entretenimento era gasto nesse Parque Infantil, que ainda permanece no antigo endereço, à rua Rodrigues Alves, 626, esquina com a rua Frei Galvão – onde se encontrava a antiga fábrica de macarrão Campanini que fazia divisa, na parte de trás, com a quadra de esportes SanRemo.

O tempo passou, mas mantenho ainda vivos nos arquivos da minha memória, a ternura, a serenidade, a solidariedade e até alguns ensinamentos de pedagogia, didática e ensino das antigas professoras, às quais chamávamos carinhosamente de "donas". Dona Ligia Corradini, loira, alta, muito bonita, exalava um perfume marcante, apresentava-se

sempre com seu uniforme impecável, cabelos muito bem arrumados, parecia sempre que tinha acabado de sair do cabeleireiro. Dona de uma bondade infinita, sorriso alvo, sempre estava pronta para uma palavra de carinho. E eu sempre estava pronta a ajudá-la, nos recortes, nos enfeites para os painéis, na decoração da Páscoa, do Natal... Parecia até adivinhar que o tempo, em todos os seus mistérios, estaria me reservando essa mesma profissão. Ah, se pudesse... Como eu gostaria de ser parecida com ela!

Também cabe em minhas doces lembranças da minha vivência na Educação Infantil, a Dona Enedi Falcato, uma morena clara, igualmente bem arrumada, professora dos menores, muito rígida, mas bastava um olhar seu para entendermos o tamanho do seu amor por nós.

E como esquecer Dona Maria, a diretora? Em seu vestido de linho ou em tailler, parecia que estava sempre pronta para uma "festa", mulher de pulso firme e disciplina rígida. De vez em quando reunia os alunos no refeitório para falar de algum comportamento com o qual não concordava. Recordo-me que, nesses momentos, prestávamos atenção, temerosos, cabeças baixas, pois, sem nenhum autoritarismo pedagógico, havia um respeitoso silêncio para ouvir todas as suas palavras.

As datas cívicas eram comemoradas com muito respeito e amor à Pátria. Cantávamos sempre o hino nacional, mas também aprendemos a cantar o hino à Bandeira e o hino à Independência. Lembro-me das bandeirinhas verdes e amarelas, confeccionadas por nós, balançando nos fios de barbante, em toda a extensão do Parque.

E as festas? Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, Dia dos Pais, Semana da Pátria, Natal. Tudo era comemorado com muita alegria e, principalmente, com muitos comes e bebes. Os pais eram convidados a participar e assistir às apresentações preparadas com muito carinho pelas professoras.

Uma vez ou outra recebíamos visitas de prefeitos e vereadores. Em uma dessas visitas fui escolhida para agradecer o prefeito José Crespo Gonzales. Foi uma grande emoção para uma menina com seus 10 anos apenas.

Minha aula preferida era a de Canto e Banda. Os instrumentos utilizados pelos pequenos artistas eram reco-reco, prato, pandeiro, chocalho, triângulo, flauta doce, campainhas, tamborim, castanholas, ali, em meio à banda, se destacavam alguns que tocavam e cantavam com muita desenvoltura. Atrevo-me a recordar de uma música que cantávamos e tocávamos:

Aqui está a nossa banda, vai a festa começar Os triângulos, as campainhas e os pratos vão soar Os pandeiros, os tamborins, pau de rumba e castanholas Os chocalhos, os maracás, a funcheira reco reco vai tocar Lá, lá, lá, [...]

Gostava também de nadar na "gigantesca" piscina retangular de azulejos brancos. O uniforme de natação era calção vermelho - o das meninas tinha que ter elástico nas pernas - e a camisa, ou blusa, era branca. Quem não estivesse com a vestimenta correta não poderia nadar. Quando o "Russo" – um menino de cabelos vermelhos – entrava na piscina era temido por todos, pois gostava de dar "pescoções" nas crianças, embaixo d'água.

Após a natação era a hora do banho. Uma vez por mês éramos vistoriados pela Dona Isaltina, auxiliar de enfermagem, que trabalhava no Parque. Ela examinava as orelhas por dentro e por fora, pescoço, pés e joelhos, tudo deveria estar limpinho, também examinava as unhas, se não estivessem curtas e limpas éramos repreendidos.

Nesse inventário emocional da minha infância, percebo claramente que, apesar dos limites de formação profissional, do desconhecimento de práticas pedagógicas revolucionárias e até de legislação adequada, no parque infantil não havia nenhum tipo de segregação e a pobreza unia a todos.

Como que em rápidos flashes de minha memória, já um pouco castigada pelo tempo, recordo da "hora do lanchinho". Depois de algumas das atividades previstas, era servido o lanche, às vezes pão com manteiga e leite em copos de alumínio, alguns amassados, mas eram exageradamente limpos e brilhantes. O que eu gostava mesmo era quando serviam feijão com mocotó – de cujo aroma ainda me recordo com perfeição – delícia de refeição (aliás, nunca mais desfrutei de inigualável sabor!).

Após o lanche, o pequeno sono. Inclinávamos a cabeça sobre a sacola de brim vermelha para o merecido repouso. O silêncio era sepulcral, e a liberação à hora de brincar era feita por ordem, sendo que quem tivesse ficado mais comportado sairia primeiro.

Após a dispensa de todos, corríamos livremente, para escolher os brinquedos que quiséssemos. O corre-corre era uma forma de voar e sonhar. Selecionar as brincadeiras, brincar na casinha de bonecas de madeira, colher flores de São João, pega-pega, brincar no túnel de cimento, balanço, escorregador, trepa-trepa, bola ao cesto, pião, bambolê, amarelinha, caracol, bola, as "cinco marias", enfim, eram tantas as brincadeiras e as

formas de brincar que ninguém queria parar. Entretanto, quando ouvíamos o sino tocado pelo Seu Sebastião, sabíamos que era hora de retornar às classes.

E assim, nesse emocionante retorno aos cenários e personagens que povoaram minha infância, como se a minha história se confundisse com a própria história da Educação Infantil em Sorocaba, em seus primeiros passos, sinto que minha trajetória pessoal e profissional está intimamente relacionada com essas vivências, das quais me orgulho enormemente, pois é muito bom nos reencontrarmos com um pouco daquilo que guardamos cuidadosamente dentro de nós.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar o processo histórico e as circunstâncias específicas da criação e instalação do primeiro Parque Infantil da Cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, sobretudo, qual o principal objetivo que levou os idealizadores a pensar na problemática da educação infantil na cidade. A intenção é situá-la no contexto histórico do Brasil e de São Paulo, por meio de um relato de como se deu, qual o quadro da época e como representou um avanço em termos de educação para a cidade de Sorocaba, ao atender, de modo bastante adequado, às classes menos favorecidas. A investigação aponta para a problemática social que, em meados do século XX, levou segmentos da sociedade a reivindicarem a instalação de educação infantil como uma forma de atender as crianças e as famílias no interior de uma sociedade que, ao se industrializar, fez emergir necessidades de conciliação entre a educação da criança e a mão-de-obra feminina e o sistema de produção econômica em Sorocaba. Com a análise dos documentos e dados coletados, a presente pesquisa avalia a contribuição dessa instituição para a sociedade na época e sua influência no cenário educacional. Este estudo pretende somar-se aos trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação, através da elucidação dos ideais de educação que marcaram o período de criação do Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros", com sua importante atuação no cenário educacional sorocabano por mais de 50 anos.

A inquietação surgiu do fato de ainda não se conhecer como fora criado o primeiro Parque Infantil de Sorocaba, de quem foi a iniciativa, seus personagens, modo de funcionamento, objetivos e clientela. O estudo se fará mediante consulta em fontes primárias como jornais, decretos, documentos, e entrevistas com pessoas que vivenciaram, na época, os aspectos históricos da Educação Infantil. São subsídios importantes para entender as intenções de fundação e organização do primeiro parque infantil.

Ressalte-se que minha própria formação profissional também servirá de norte, para o presente processo de investigação histórica.

O estudo tem início com a consulta dos artigos da Secretaria da Educação da Prefeitura de Sorocaba, em relação a instituições escolares de educação infantil. As buscas continuaram no Centro de Educação Infantil – CEI n. 01, "Antonio Carlos de Barros", em busca do 1º livro-ponto datado de 1954. Com esse livro em mãos, é possível ter uma ideia de o que ocorreu na década de 1950 e averiguar o registro do

corpo administrativo e docente daquela instituição, uma das fontes vivas e reais que muito contribuiram desde os primeiros passos da pesquisa.

Localizar as pessoas registradas foi o passo seguinte, ao mesmo tempo, que, visitas aos arquivos da Câmara Municipal de Sorocaba, ao jornal Cruzeiro do Sul e do Gabinete de Leitura Sorocabano se tornaram frequentes.

Por meio da disciplina Pesquisa Histórica em Educação, com o Professor Barreira, entrei em contato com as propostas e as ideias de Paul Thompson, considerado um dos maiores especialistas no assunto, que aborda a importância da História Oral e demonstra como a fonte oral pode ser utilizada, os recursos investigativos tradicionais, a construção e o resgate de uma memória mais consciente e democrática do passado, aquela que não consta nos livros, documentos ou registros em geral:

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1998, p.137).

Segundo o autor, a história oral foi uma das primeiras formas de se fazer história. O surgimento da escrita e a crescente sofisticação das narrativas históricas fizeram com que fossem priorizadas as fontes documentais em detrimento das orais, e que essas narrativas se distanciassem cada vez mais dos sujeitos históricos, quando, na verdade, são eles – sujeitos reais – que deveriam ter vez e voz na reconstituição da sua própria história, vida, expectativas, sonhos, conflitos, alegrias e tristezas.

A entrevista semiestruturada, foi o instrumento da coleta de dados na pesquisa qualitativa, de modo a fazer fluir, no momento da conversa as lembranças e opiniões dos entrevistados.

Por meio dos depoimentos, foi possível resgatar detalhes e reminiscências por vezes esquecidos e não contemplados nos documentos oficiais, razão pela qual este trabalho se justifica por pretender recuperar com a maior fidelidade possível as circunstâncias da criação e funcionamento do primeiro parque infantil sorocabano.

As transcrições das entrevistas encontram-se anexadas a este trabalho.

No primeiro capítulo é apresentada a concepção da infância, para mostrar como e quando foi abandonado o paradigma da criança como adulto em miniatura, para ver

nela um ser em formação, carente de cuidados, proteção e educação adequados. No mesmo capítulo são explicitados os principais pontos relativos à educação infantil de um modo geral, contextualizando-a, depois, no Brasil e no Estado de São Paulo caracterizando as diferentes finalidades dos diversos estabelecimentos destinados à guarda, proteção, formação, educação da criança e do adolescente.

O segundo capítulo apresenta a história do primeiro Parque Infantil de Sorocaba/SP, à luz, principalmente, das entrevistas realizadas com os sujeitos que fizeram história na educação infantil em Sorocaba, onde discorro sobre esses depoimentos.

O terceiro capítulo apresenta trechos das entrevistas realizadas, por ordem cronológica, com os sujeitos que participaram do processo da educação infantil em Sorocaba.

As considerações finais discorrem sobre a representatividade desse projeto educativo que procurou minimizar as desigualdades escolares e sociais, àquela época, proporcionando a socialização, formação psicológica, física, moral e cívica dos alunos, e promovendo a participação da comunidade nas atividades escolares, visando o bem comum de todos.

2 A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

Abrimos o capítulo fazendo um esboço inicial sobre a concepção da infância a partir da Idade Media, destacando o papel da criança na família, na escola e na sociedade, e caminhando através dos tempos em direção aos dias atuais.

São vários os tempos da infância, apresentando realidades e representações diversas, porque a sociedade foi se constituindo de uma forma, em que ser criança começa a ganhar nova dimensão: suas necessidades estão sendo valorizadas, seu desenvolvimento pensado de outras formas, e seu tempo de desenvolvimento respeitado.

O conceito de infância é fruto de uma construção social: sempre houve crianças, mas nem sempre vigorou a concepção de infância que se tem há algum tempo. No mais longo dos períodos históricos – Idade Media (que teve uma duração de dez séculos), o termo "infância" era empregado indiscriminadamente, sendo utilizado, inclusive, para se referir a jovens com dezoito anos ou mais de idade (ARIÈS, 1978). Algumas crianças sabiam a sua idade, principalmente as escolarizadas, mas o curioso é que por "boas maneiras" elas não costumavam falar e quando perguntadas, respondiam com certa reserva.

Dessa forma, a infância tinha uma longa duração nessa época, e a criança acabava por assumir funções de grande responsabilidade, tais como: cuidar do gado, da lavoura, e da casa, queimando assim etapas do seu desenvolvimento. A vida cotidiana da criança parece-nos que se mistura com a do adulto, sendo, portanto, até sua vestimenta cópia fiel desse.

Segundo Ariès (1978), na Idade Média a criança era vista como um adulto em miniatura, assim que pudesse realizar algumas tarefas, era inserida no mundo adulto, sem nenhuma preocupação em relação à sua formação enquanto um ser específico, sendo exposta a todo tipo de experiência. O cuidado e educação das crianças eram feitos pela família; nas nobres, também pelas "amas", mas a grande maioria era, em especial, pela mãe. Ainda existiam instituições alternativas que serviam para cuidado das crianças em situações desfavoráveis ou rejeitadas.

Esse mesmo autor relata que, até mais ou menos por volta do século XVI, não existia a particularidade da consciência sobre o universo infantil, não se dava muita importância às crianças. O sentimento de infância era quase inexistente; não que elas fossem negligenciadas ou desprezadas, mas o atendimento à criança pobre, até então,

baseava-se no favor e caridade. Dessa forma, era oferecido atendimento precário a elas; havia, ainda, grande índice de mortalidade infantil, devido ao grande risco de morte pósnatal e às más condições de saúde e higiene da população em geral, e das crianças em particular. Em decorrência dessas condições, uma criança morta era substituída por outra e o índice de natalidade era alto.

Não existia uma separação, como hoje, entre as brincadeiras e os jogos dos adultos. As brincadeiras das crianças eram compartilhadas com os adultos: eles jogavam malhas, críquete, golfe, xadrez, arco, raquetes, também jogos de azar como cartas, gamão e dados. Ou seja, os mesmos jogos eram comuns a ambos. "Se os jogos não provocam nenhuma reprovação moral, não havia razão para proibi-los às crianças" (ARIÈS, 1978, p. 107).

Ariès relata que, a maioria dos brinquedos eram miniaturas de algo, como o cavalo de pau, carruagem, bonecas – que não se destinavam apenas às meninas, os meninos também brincavam com elas - fantoches, miniaturas de móveis, que mais pareciam bibelôs.

Também brincavam com catavento – cópia dos moinhos de vento – pião, bola e arcos que eram rodados com uma varinha. Brincadeiras como esconde-esconde, de roda e cabra cega também faziam parte do mundo adulto e infantil. Os pequenos também gostavam de instrumentos musicais, como o tambor.

As crianças, ao menos as nobres, iam sempre ao teatro e assistiam a peças dramáticas, comédias, balés, teatro de marionetes, cantos, muitas vezes esses espetáculos eram apropriados apenas aos adultos, não havendo, portanto, uma preocupação com a mentalidade das crianças, peças de esposas infiéis ou de sedução eram apresentadas aos pequeninos sem o menor pudor. As crianças participavam de bailes, principalmente de máscaras e fantasias e também das festas religiosas, das quais uma das mais tradicionais, na Europa ocidental, era a Festa de Reis.

No século XVII, já na Idade Moderna, entretanto, a criança, ou ao menos a de família nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, havia, porém, os trajes que diferenciavam as classes sociais. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações da criança (ÁRIÈS, 1978).

Outro aspecto importante é a afetividade, que ganhou maior importância no seio na família. Essa afetividade era demonstrada, principalmente, por meio da valorização que a educação passou a ter.

Para Ariès (1978), as grandes transformações sociais ocorridas no referido século contribuíram decisivamente para uma nova visão sobre a infância.

As mais importantes se deram na religião católica e na protestante, que adotaram um novo modo de tratar a criança e sua aprendizagem, passando a enfatizar sua formação moral. Nesse sentido, tais religiões se encarregariam de direcionar a aprendizagem, visando corrigir-lhe os desvios, a fim de guiá-la para o bem.

A aprendizagem das crianças, que antes se dava na convivência delas com os adultos em suas tarefas cotidianas, passou, então, a ocorrer na escola, esta seria, então, a responsável pelo processo de formação.

As crianças foram então separadas dos adultos e mantidas em escolas até estarem totalmente "prontas" para a vida em sociedade (Ariès, 1978). Além da educação, a família passou a se interessar pelas questões relacionadas à higiene e à saúde da criança, o que levou a uma considerável diminuição dos índices de mortalidade.

A partir dos séculos XIX e XX, a infância passa a ocupar um lugar de fundamental importância para a família e sociedade, ou seja, começa a se pensar na criança como alguém que necessita de lugar, tempo, espaço e cuidados diferenciados, delineando o que mais tarde evoluiu para o que hoje reconhecemos como infância.

Tal visão, atualmente defendida, mostra que o sentimento de infância é algo que caracteriza a criança, a sua essência enquanto ser, o seu modo de agir e pensar, diferenciado do adulto, merecendo, portanto, um olhar mais específico.

Em consequência, segundo Kishimoto (1988), surgem, as primeiras instituições para o atendimento direcionado às crianças pequenas, destinados, inicialmente, ao cuidado e à assistência às crianças órfãs, filhas da guerra ou do abandono produzido pela pobreza, miséria e movimentos migratórios.

Nesse sentido, as primeiras instituições de "Educação Infantil" datam da primeira metade do século XIX em vários países da Europa. No Brasil, os registros apontam para 1870.

Segundo Kishimoto (1988), a educação infantil era encarada por muitos pensadores, a começar por Fröebel¹, conhecido pela criação dos jardins de infância, como uma forma de superar a miséria, a pobreza e a negligência das famílias. A expansão ocorreu efetivamente no século XX.

Para Freitas (1997), é somente no final do século XX, que a infância tornou-se alvo de interesse e responsabilidade do Estado e das políticas não governamentais, tanto no plano econômico, quanto sanitário, atraindo a atenção de diversos estudiosos de diferentes áreas. Questões relativas à sobrevivência nas grandes cidades, do encontro com a marginalidade, com a morte prematura por desnutrição ou pela violência, caracterizaram a novas exigências sociais e econômicas, conferindo à criança um papel de investimento futuro.

Especialistas, educadores e pesquisadores reconhecem a importância do desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida, e acreditam que a vivência escolar é parte essencial desse processo. Sendo assim, a concepção de infância, de uma perspectiva assistencialista, transforma-se em uma proposta pedagógica aliando o cuidar, o atender a criança integralmente, para que suas especificidades psicológica, emocional, cognitiva, física etc. sejam respeitadas.

2.1 Educação Infantil

A criança pequena sempre foi o objeto de atenção de muitos estudiosos. Por estar em processo de formação, deve-se cuidar com atenção e responsabilidade, razão pela qual não se pode mais relegar a educação infantil a um segundo plano. Compreender, conhecer e reconhecer a importância das crianças de *ser e estar* no mundo torna-se o grande desafio de pais, professores e educadores, com o intuito de melhorar sua condição de vida.

A "educação infantil" deve ser entendida em amplo sentido, pois ela pode englobar todas as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas na família, na

¹ **Fröebel** foi o pedagogo criador dos *kindergarten* (jardins de infância). Ao escolher esse nome para seu instituto, opta por uma metáfora do crescimento da planta. Na observação da natureza, percebe que cada planta pertence a uma espécie, tem características próprias e exige do jardineiro cuidados especiais relativos à época do plantio, poda, constância na regra e outros, para crescer. Da mesma forma, ao estudar o desenvolvimento da criança percebe que ela necessita de atenção, cuidados semelhantes à planta para crescer saudável. Nesse sentido, ao comparar o desenvolvimento da criança ao de uma planta, atribui à jardineira, a professora de educação infantil, e aos esforços conjuntos da escola e família a tarefa de propiciar o desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e moral da criança, principalmente pelo uso dos jogos. (KISHIMOTO, 1988, p. 32).

comunidade, na sociedade e na cultura em que viva, antes mesmo de atingirem a idade da escolaridade obrigatória (KUHLMANN JR, 2000, p.469).

Segundo Kishimoto (1988), o educador romano Quintiliano, em 42 d.C., já ressaltava a relevância da educação materna e propunha o uso de tábuas esculpidas com as formas de letras para facilitar o ensino das primeiras letras. Erasmo (1465-1530), nascido em Rotterdam, na Holanda, insere a confecção do alfabeto com material comestível para tornar a aprendizagem mais divertida. Rabelais (1483-1553), escritor, padre e médico francês, sugere o jogo como recurso. Montaigne (1533-1592), escritor e ensaísta francês, defende a utilização do material concreto como recurso didático, afirmando ser o aprendizado das coisas anterior ao das palavras.

Ainda segundo Kishimoto (1988), as concepções mais relevantes que prevalecem nos princípios e práticas da moderna educação pré-escolar fundamentam-se no pensamento de educadores como Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Fröebel.

John Amos Comenius, (1592-1670), professor, cientista e escritor da atual República Checa, publica a obra *Didacta magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, e apresenta a organização das escolas em quatro períodos, considerando os anos de desenvolvimento, quais sejam: infância, puerícia, adolescência e juventude.

Já Jean Jacques Rousseau (1712-1778) educador francês, destaca-se pelo valor que atribui à infância, a educação sensorial, à liberdade e à bondade natural da criança, defendendo a necessidade de deixá-la em contato com a natureza, ressaltando que a infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir, que lhe são próprias.

Johan Henrich Pestalozzi (1746-1837), pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional, promove mudanças na área de metodologia de ensino e dá início à formação do educador. Vislubrou na educação um meio poderoso de libertar o povo. Aliando teoria à prática, Pestalozzi criou estabelecimentos para educar crianças iniciando a sua carreira pedagógica. Abriu asilos em diferentes locais, nos quais chegou a acolher cerca de 400 órfãos, continuando com a educação do povo. Preocupava-se com a necessidade de desenvolver as faculdades físicas e psicológicas, as quais são a base da educação primária moderna.

O pensamento de Pestalozzi ainda ocupa, hoje, a atenção de filósofos, psicólogos e pedagogos, devido à grande repercussão que alcançou. Pode-se nele antever, inclusive, a generosidade e autenticidade dos sentimentos que guiaram suas experiências pedagógicas.

Mas foi por meio de Friedrich Wilhelm Fröebel (1782-1852), discípulo de Pestalozzi, que as concepções teóricas sobre a escola infantil tornam-se realidade, com a criação, em 1840, do *Kindergarten*, na Alemanha. Sua teoria permite a criação de uma instituição infantil que diverge das casas assistenciais de sua época, por incluir um currículo centrado na criança.

O objetivo das atividades nos jardins de infância era possibilitar brincadeiras criativas. As atividades e o material escolar eram determinados de antemão, visando tirar um maior proveito educativo possível da atividade lúdica. Fröebel desenhou círculos, esferas, cubos e outros objetos que tinham por objetivo estimular o aprendizado. Eram feitos de material macio e manipulável, geralmente com partes desmontáveis. As brincadeiras eram acompanhadas de músicas, versos e dança.

Os objetos criados por Fröebel eram chamados de "dons" ou "presentes" e havia regras para usá-los, que precisariam ser dominadas para garantir o aproveitamento pedagógico. As brincadeiras previstas pelo educador alemão eram, quase sempre, ao ar livre para que a turma interagisse com o ambiente (KISHIMOTO, 1988).

2.2 Educação Infantil no Brasil

Considera-se como Educação Infantil no Brasil, conforme a Legislação vigente (Emenda Constitucional n. 53 de 2006), o período de vida escolar em que se atende, pedagogicamente, crianças com idade entre 0 e 5 anos. Nessa modalidade, as crianças são estimuladas, por meio de atividades lúdicas e jogos, a exercitar suas capacidades motoras, fazer descobertas e iniciar o processo de letramento.

Além disso, tem por função pedagógica um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia, utilizando atividades que têm um significado concreto para a vida das crianças, buscando assegurar-lhes a aquisição de novos conhecimentos.

Cabe à escola complementar a ação da família no desenvolvimento da criança na sua globalidade, potencializando seu desenvolvimento integral.

Dessa forma, a educação infantil fortalece um entendimento acerca de propostas pedagógicas consistentes no sentido de fomentar a transformação dos conhecimentos intuitivos em científicos, capazes de promover um trabalho para que as crianças desenvolvam atividades de caráter interativo; capazes também de produzir discussões acerca de seu desenvolvimento intelectual no sentido de ampliar sua experiência

sensorial e reflexiva sobre o mundo físico e social. A história da educação brasileira mostra que essas preocupações demoraram a fazer parte de uma ação educativa efetiva.

Segundo Del Priore (2000), a cultura escravocrata dimensiona de maneira muito particular a vida das crianças brasileiras: as crianças escravas que escapavam da morte prematura iam aos poucos perdendo os pais, eram doadas pelos seus "proprietários", doações essas que aconteciam geralmente quando a criança era batizada, e favoreciam principalmente os familiares dos doadores. A criança escrava, a partir dos quatro anos de idade, já começava a fazer pequenas atividades, como auxiliares - os meninos ajudavam os pais com a criação do gado e nas plantações e as meninas ajudavam as mães em tarefas domésticas, como já abordado por meio de Àriés, anteriormente

O pequeno Gastão, aos quatro anos já desempenhava tarefas domésticas leves na fazenda de José de Araújo Rangel [...] Manoel, aos oito anos, já pastoreava o gado da fazenda de Guaxindiba, pertencente à baronesa de Macaé. Rosa, escrava de Josefa Maria Viana, aos 11 anos de idade, dizia-se ser costureira. Aos 14 anos trabalhava-se como adulto (DEL PRIORE, 2000, p. 184).

Os filhos dos escravos eram criados junto com os dos senhores e tornavam-se companheiros de brincadeiras, existindo até certa familiaridade, que acaba quando um terá que dar ordens e crescer livremente e o outro obedecer e trabalhar (FREITAS, 1997, p. 310). A criança branca, aos seis anos, era iniciada nos primeiros estudos de língua, gramática, matemática e boas maneiras.

Segundo Del Priore, 2000, durante o segundo e o terceiro séculos da colonização, surge uma modalidade *selvagem* de abandono, crianças com dias ou meses, não encontravam abrigo, então eram abandonadas nas calçadas, praias e terrenos baldios, sujeitas a todo tipo de sorte. A preocupação com crianças abandonadas teve grande repercussão na sociedade. As Santas Casas do Rio de Janeiro e de Salvador acolheram 50 mil enjeitados durante os séculos XVIII e XIX (DEL PRIORE, 2000, p. 190).

A mesma autora (2000, p. 12-13) relata que as primeiras iniciativas voltadas à educação da criança tiveram um caráter higienista, trabalho realizado por médicos e damas beneficentes, que tentavam diminuir o alto índice de mortalidade infantil, atribuído a nascimentos ilegítimos da união entre escravas e senhores e à falta de educação física, moral e intelectual das mães. Com a Abolição e a Proclamação da República, crianças e adolescentes das antigas senzalas, por falta de opções,

continuaram a trabalhar nas fazendas, mesmo sem terem condições básicas de alimentação, saúde e educação.

Contudo, a sociedade caminhava para uma nova era, impregnada de ideias capitalistas e urbano industriais. A grande expansão das relações internacionais, na segunda metade do século XIX, proporciona a difusão das instituições de educação infantil, que começam a chegar ao Brasil na década de 1870 (KUHLMANN JR, 2000, p. 470).

Nesse período, grupos de intelectuais e educadores demonstrando interesse em reduzir a visivel apatia do governo paulista quanto ao problema da criança propunham elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e jardins de infância.

Kishimoto (2000, p. 473) afirma ter havido diferentes tipos de estabelecimentos infantis no Brasil, quais sejam: asilos infantis, jardins de infância, creches, escolas maternais e parques infantis.

Asilos infantis "para órfãos ou orfanatos, asilos para crianças expostas, e asilos para crianças abandonadas ou delinquentes", subdivisão que servia para classificar os menores de acordo com certas condições de vida que levavam os pais a abandonar seus filhos.

No Brasil os asilos eram chamados de Casa dos Expostos ou Roda, destinados a crianças abandonadas, fruto de união não legítima, ou para ali destinadas pelas condições miseráveis dos pais (KISHIMOTO, 1988, p. 18). A Casa dos Expostos foi uma das instituições de longa duração, principalmente no Brasil, sobrevivendo a três grandes regimes da nossa história.

As Casas dos Expostos recebiam os bebês abandonados nas "rodas" – cilindros de madeira que permitiam o anonimato de quem ali deixasse a criança – para depois encaminhá-los a amas que os criariam até a idade de ingressarem em internatos (KULMANN Jr, Moisés, 2000, p. 473).

Criada na Colônia multiplicou-se no Império, manteve-se na República, até ser extinta em 1950 (FREITAS, 1997, p. 51). A única função válida que prevalece nesses asilos é a função da guarda da criança. Mas o que leva uma mãe abandonar seu filho?

Muitas mulheres viram-se diante da necessidade de abandonar os próprios filhos. Não é exagero afirmar que a história do abandono de crianças é a história secreta da dor feminina, principalmente da dor compartilhada por mulheres que enfrentavam obstáculos intransponíveis ao tentar assumir e sustentar os filhos legítimos ou nascidos fora das fronteiras matrimoniais (DEL PRIORE, 2001, p.189).

Diferentemente dos jardins de infância - que tinham, desde sua origem, finalidades essencialmente pedagógicas voltadas ao atendimento das camadas mais abastadas da população, as creches², tinham como finalidade retirar as crianças abandonadas da rua, diminuir a mortalidade infantil, formar hábitos higiênicos e morais nas famílias, alicerçadas em caráter extremamente assistencialista.

Em muitos países, as creches diferenciavam-se das casas de proteção aos órfãos, por incorporar o objetivo social de amparar crianças durante a jornada de trabalho das mães, as quais, no começo do século XIX, devido ao crescimento industrial, passaram a exercer funções nas fábricas.

As primeiras creches instaladas no Brasil não tinham essa distinção: surgiram no Estado de São Paulo, no início da República. São as de Anália Franco e se confundem com os asilos infantis por atenderem quase que exclusivamente filhos de indigentes e órfãos.

As creches no Brasil serviam para atender não somente filhos de mães que trabalhavam na indústria, mas também crianças que viviam na extrema miséria. As mães pobres que necessitavam trabalhar poderiam ter onde deixar e a quem confiar os filhos menores, abaixo da idade escolar.

Foi pensado também na creche para o atendimento aos bebês, a qual serviria de apoio para a família e servia exclusivamente às mães trabalhadoras. Independente dessas variações é possível perceber que a maior preocupação se referia à alimentação, higiene e segurança física.

Apesar do incipiente estágio de industrialização, certas atividades como distribuição de jornais, trabalho em fábricas de tecidos e chapéus já ocupavam as mulheres fora de seus lares, propiciando o abandono dos filhos e, consequentemente, o aparecimento das instituições de proteção à infância (KISHIMOTO, 1988, p. 44).

_

² **Creches** são instituições criadas com o objetivo social de amparar crianças, geralmente recém-nascidas, até a idade de 3 anos, durante a jornada diária de seus pais trabalhadores. Seu aparecimento e expansão, no fim do século XVIII e começo do XIX, devem-se ao crescimentro industrial que ocupa grande contingente de mulheres nas fábricas e oficinas (KISHIMOTO, 1988, p.24).

Essas instituições educacionais não tiveram o caráter de obrigatoriedade, como a escola primária. Defendia-se que quanto menor a criança, melhor sua permanência junto à mãe e à família. Mas os procedimentos para se educar os pequenos tinham que seguir orientações de médicos, legisladores, educadores, religiosos, homens ou mulheres.

A influência do modelo francês na primeira escola maternal³, criada em São Paulo por Anália Franco, não serve para a criança brasileira por ser muito moroso e exigir quatro anos contínuos de curso. Contudo, vários autores denunciam o caráter desumano das escolas maternais, muitos relataram ser comum as lições de leitura durarem uma hora, o que foi presente também nas experiências brasileiras.

A história dos jardins de infância⁴, ainda segundo Kishimoto (1988), começa no Brasil em 1875 quando Joaquim Menezes Vieira e sua esposa, Dona Carlota, instalam um deles no Colégio Menezes Vieira – Rio de Janeiro. A instalação de jardins de infância da Escola Americana – dirigida por protestantes de São Paulo, 1877; Colégio Americano, no Pará, 1884, entre outros, destinavam-se à população mais abastada e funcionavam anexos aos estabelecimentos particulares de maior prestígio. Mesmo os primeiros jardins-de-infância públicos, também atendiam a crianças de segmentos mais privilegiados economicamente.

No fim do Império, o grande descaso com a instrução pública justifica a recusa à instalação de jardins de infância. Se os governantes da época não conseguiam vislumbrar a importância da escola primária, quanto mais a criação e expansão de escolas infantis, consideradas como gastos desnecessários em "diversões pedagógicas".

Um conceito restrito entendia que a criança pequena não precisava de uma institucionalização uma vez que deveria ser educada pela mãe, em seu próprio lar. Criar instituições que atendessem crianças pequenas e, principalmente, em fase de "desmame" era um desperdício de dinheiro. Entretanto as crianças órfãs e abandonadas deveriam receber a atenção de organizações humanitárias e subvenções do Estado, mas bastariam apenas cuidados médicos nutritivos e higiênicos (KISHIMOTO, 1988, p. 36).

⁴ O Jardim de Infância destina-se à educação de crianças de 3 a 7 anos, com metodologia pedagógica de Fröebel, tendo por finalidade o desenvolvimento físico, moral e intelectual do educando, a educação dos sentidos, o valor dos jogos, a não antecipação do ensino da leitura, o preparo para a escola elementar e o trabalho conjunto entre a escola e a família (KISHIMOTO, 1988, p.32-33).

-

³ As denominadas **Escolas Maternais** foram criadas na França, em 1848, pela inspetora Pape-Carpantier, como denominação alternativa para as desgastadas instituições conhecidas como Salas de Asilo, que visavam à guarda e ao "depósito" da criança. Essa definição demonstra a orientação das escolas maternais em busca do desenvolvimento integral da criança dos 3 aos 6 anos (KISHIMOTO, 1988, p.27).

Com a República, veio o primeiro jardim de infância estadual, anexo à Escola Normal Caetano de Campos, fruto do projeto político da burguesia do café, que se instalou no poder com o Partido Republicano Paulista, em 1896.

Nas primeiras décadas da República, a discriminação contra os pobres fez surgir estabelecimentos pré-escolares distintos, conforme a classe social da criança.

Em 1919, segundo Campos e Rosemberg (1993), foi criado o Departamento da Criança no Brasil, cuja responsabilidade caberia ao Estado, mas foi mantido, na realidade, por doações, e tinha diferentes tarefas: realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre; concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre mortalidade infantil, entre outros.

Os mesmos autores relatam que, a partir dos anos 1930, principalmente na Europa, nos países de primeiro mundo, com o Estado de Bem-Estar Social (termo usado para designar o Estado assistencial que garante padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social a todos os cidadãos) e aceleração da industrialização e urbanização, manifestam-se elevados graus de nacionalização das políticas sociais com a centralização do poder político.

As ideias do Estado de Bem-Estar Social foram encampadas por diversos educadores brasileiros como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira que, ao defenderem tais conceitos, ajudaram a determinar as bases da educação brasileira, cuja influência ainda é hoje reinante.

Kishimoto (2000) argumenta que nesse movimento de transformação, em relação à Educação Infantil, um dos marcos determinantes foi *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), que propunha uma educação não restrita à escola, mas presente em todo contexto social e a criação de parques infantis em São Paulo, em 1935, demonstrando uma preocupação educacional com a criança pequena, ao privilegiar o lúdico e as manifestações culturais como elementos fundamentais para o processo educativo.

O Manifesto dos Pioneiros aludia a um tipo de educação que repensasse seu papel perante o educando, colocando-o como centro do processo educativo, pregando "a reconstrução educacional do Brasil". Sugeria, ainda, atuar fortemente em áreas como a cultura e a educação infantil (até então meramente "caridosa" ou assistencialista no trato

das classes populares). Pensar a educação como um todo integrado (desde a pré-escola até o ensino superior) foi também uma contribuição desse movimento.

Várias metodologias têm origem nesse movimento, tendo algumas delas exercido forte influência no ensino brasileiro, em particular na pré-escola, destacando-se a valorização dos interesses e necessidades da criança; a defesa da ideia do desenvolvimento natural; a ênfase no caráter lúdico das atividades infantis; a crítica à escola tradicional, porque os objetivos desta estão embasados na aquisição de conteúdos (KRAMER, 2007, p.25).

O fortalecimento da educação para a infância ampliou-se no Brasil, na década de 1930, período de transição nos métodos de ensino e concepções que perpassam o atendimento educacional a crianças. As escolas maternais, as creches e os jardins de infância provocaram novos olhares para a educação infantil, e a quantidade dessas instituições aumentava, enquanto a criança era vista como motivo de interesse político e de assistência social.

O programa do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932) estabeleceu o "desenvolvimento das instituições de educação e assistência física e psíquica às crianças na idade pré-escolar (creches, escolas maternais e jardins de infância)" (KUHLMANN JR, 2000, p. 482).

Cabe lembrar que, entre 1935 e 1937, Fernando de Azevedo impulsionou os cursos especializados para formar o profissional para o pré-primário à época do Instituto de Educação, o qual, extinto, deu lugar à Escola Normal Caetano de Campos, destinada à formação conjugada do professor de educação pré-escolar e primário.

Relata Kuhlmann Jr. que, na década de 40 do século passado, criaram-se diversos jardins de infância de meio turno, para crianças de 4 a 6 anos, em diferentes estados brasileiros, localizados em praças públicas, servindo também de estágios para futuras professoras.

Em 1949, iniciou-se o Curso de Especialização em Educação Pré Primária no IERJ (Instituto de Educação do Rio de Janeiro), reconhecido inicialmente como pós normal e posteriormente como curso superior. Consolidando nessa época, o Centro de Estudos da Criança criado por Lourenço Filho, primeiro diretor do IERJ, um espaço de estudos e pesquisas sobre a criança e um centro de formação de professores especializados (KUHLMANN JR, 2000, p. 483).

Ainda segundo esse autor, foi nas décadas de 60 e 70 que o país assistiu a um período inovador quanto a políticas sociais nas áreas de educação, saúde, assistência social, etc. Na educação, o nível básico já obrigatório e gratuito passou a constar da Constituição da República Federativa do Brasil de 1967 (Título IV, artigo 168 §3º II). Em 1971, estendeu-se para oito anos esse nível, e no mesmo ano, a lei 5692/71 de 11/08/1971, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trouxe o princípio de municipalização do ensino fundamental.

Nos anos 70, o Brasil absorveu ideias dos Estados Unidos e da Europa, que defendiam haver uma relação entre o fato de as crianças mais pobres sofrerem de "privação cultural" e seu fracasso escolar. Tal concepção direcionou por muito tempo a educação infantil, com a visão assistencialista e compensatória, como afirma Oliveira (2005), pela falta de uma reflexão crítica mais profunda sobre as raízes estruturais dos problemas sociais. Isso passou a influir também nas decisões políticas sobre a citada modalidade educativa.

Segundo alguns educadores, as carências culturais existem porque as famílias pobres não conseguem ajudar e acompanhar às crianças em seu desenvolvimento escolar, o que faz com que seus filhos sejam reprovados. Faltam-lhes requisitos básicos que não foram transmitidos por seu meio social. Nesse caso, a pré-escola serviria então, para suprir essas carências.

Partindo dessa premissa, percebe-se que a educação era fragmentada. Enquanto as creches públicas atendiam as crianças das camadas mais populares, com propostas de trabalho meramente assistencialista, tendo como principal preocupação a alimentação, higiene e segurança física. As creches particulares desenvolviam atividades de cunho pedagógico, dando ênfase à socialização e a preparação para o ensino regular.

Nos anos 80, os problemas referentes à educação infantil continuavam decorrer da ausência de uma política específica, da falta de articulação e parceria entre programas educacionais e de saúde; combate a exclusão econômica cultural e social; investimento em um enfoque pedagógico e insuficiência de docentes qualificados. Em contrapartida houve pressão por parte das camadas populares para ampliação de escolas, reivindicavam especialmente no tocante a criação de creches.

Em artigos da Constituição Federal de 1988, a educação infantil, integrada ao sistema de ensino, passa a ser vista como necessária, dever do Estado e direito de todos, sendo um marco decisivo na afirmação dos direitos da criança no Brasil.

Seguindo uma concepção pedagógica, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, complementando a ação da familia, e deixando de ser meramente assistencialista. Essa visão pedagógica considera a criança um ser social, pertencente a uma determinada classe social e cultural, descaracterizando a educação compensatória que delegava à escola a responsabilidade de resolver os problemas da miséria.

A Constituição Federal de 1988 ainda estabelece a construção de um regime de cooperação entre estados e municípios nos serviços de saúde e educação. Há a reafirmação da gratuidade do ensino público em todos os níveis, e a creche e a préescola, um direito da criança de zero a seis anos, garantido como parte do sistema de ensino básico (Art. 280, inciso IV).

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, Lei 8069/90, os municípios passam a ter maior responsabilidade pela infância e adolescência, criando as diretrizes municipais de atendimento.

Nos anos 90, ocorre uma ampliação no mundo todo, da concepção de criança, cuja aprendizagem se dá pelas interações entre a criança e entorno social. Essa perspectiva sociointeracionista, cujo principal teórico é Vigotsky, considera a criança como sujeito social, parte de uma cultura concreta. Para ele desde o nascimento da criança o aprendizado esta relacionado ao desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Na concepção que Vygotsky tem do ser humano, portanto, a inserção do individuo num determinado ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição enquanto pessoa (OLIVEIRA, 2005).

Aliados a esse conceito, os direitos da criança, passa então ser garantido em lei, pela nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases), nº 9394/96, que incorpora a Educação Infantil ao primeiro nível da Educação Básica e formaliza a municipalização dessa etapa de ensino:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, artigo 29).

Assim, em 1998, o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil) (BRASIL. 1998) procura nortear o trabalho realizado com crianças de 0 a 6

anos de idade, representando um avanço na busca de se estruturar melhor o papel da Educação Infantil, por trazer uma proposta que integra cuidar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, divide as modalidades de ensino da seguinte maneira: o atendimento às crianças de 0 a 3 anos é feito pela CRECHE, e o atendimento àquelas de 4 a 6 anos é chamado PRÉ-ESCOLA.

Considera-se tal disposição como o resultado de uma nova maneira de compreender a criança, que passa a ser vista como um sujeito ativo, competente, com desejos próprios, um ser capaz de interferir no meio em que vive, pleno de possibilidades atuais e não apenas futuras.

Contudo, medidas legais mais recentes modificaram o atendimento às crianças em idade pré-escolar, atualmente, crianças com seis anos de idade devem obrigatoriamente estar matriculadas no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Os dispositivos legais estabeleceram modificações, como abaixo se explicita.

De acordo com a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, a duração mínima passa a ser de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade, sendo implantada em 2010 pelos Municípios, Estados e Distrito Federal. Os sistemas de ensino adaptaram-se ao novo modelo de pré-escolas, que passaram a atender crianças de 4 e 5 anos de idade.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), o papel da educação infantil é o de CUIDAR da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, a limpeza e o lazer (brincar).

Também é seu papel EDUCAR, sempre respeitando o caráter lúdico das atividades, com ênfase no desenvolvimento integral da criança. Segundo os Referenciais, devem ser trabalhados os seguintes eixos com as crianças: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Os Objetivos Gerais da Educação Infantil estão organizados de forma a desenvolver nas crianças diversas capacidades, entre elas:

Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;

Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;

Estabelecer vínculos afetivos e de trocas com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;

Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;

Brincar expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;

Utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade. (BRASIL, 1998, p.63)

Alguns aspectos previstos nos Referenciais para adequar as escolas de educação infantil às necessidades das crianças são desconhecidos da maioria dos pais. Por exemplo: as escolas devem ter duas cozinhas, uma para as crianças de 0 a 3 anos e outra para crianças de 4 e 5 anos, o espaço físico deve ser de 2 m² por criança em sala, e inclusive deve ter fraldário e lactário independentes da sala de aula. A ênfase da educação infantil é ESTIMULAR as diferentes áreas de desenvolvimento da criança, aguçar sua curiosidade, sendo que, para isso, é imprescindível que a criança esteja feliz no espaço escolar.

A infância é uma etapa muito importante para o indivíduo porque é a fase em que ele passa por uma adaptação progressiva ao meio físico, cujo objetivo é o equilíbrio entre o "eu" e o "outro". Cabe à Educação Infantil, então, propiciar essa interrelação da criança com o mundo, de maneira lúdica e prazerosa, de forma a possibilitar que esse equilíbrio seja desenvolvido por ela, pois suas conquistas refletirão por toda sua vida.

2.3 Educação Infantil no Estado de São Paulo

2.3.1 Jardins de Infância em São Paulo

Segundo Freitas (1997), na área oficial estadual, o pioneiro jardim de infância no município de São Paulo foi instalado no final do século XIX, e inaugurado em 1897. Ficava na Praça da República, em um edifício projetado por Ramos de Azevedo, e

serviria de símbolo da importância que o novo regime dava à educação. O edifício foi pensado para que quem estudasse ali se sentisse valorizado.

O edifício do *Kindergarten* – denominação na época- situa-se nos fundos da Escola Normal da Praça da Republica em uma área extensa, coberta de vegetação umbrosa – restos de uma antiga chácara. Formado por uma estrutura metálica imponente, que lhe confere magnífico efeito arquitetônico, o edifício sobressai-se na paisagem circundante (FREITAS, 1997, p. 115).

Sua instalação anexa à Escola Normal "Caetano de Campos", que, apesar de ser um estabelecimento público, era reduto da elite paulistana, provocou reações entre alguns professores que achavam o *jardim de infância* um estabelecimento de luxo, portanto dispensável. Isso também provocou a ira de alguns parlamentares que, por meio de normas legais, procuraram torná-lo mais democrático (KISHIMOTO, 1988, p.128).

Outras críticas formuladas naquela ocasião referiam-se ao jardim de infância como o responsável pelo início precoce da escolaridade das crianças. Ao invés de frequentarem a escola a partir dos sete anos de idade, as crianças já iniciavam aos três. No entanto, a finalidade básica da classe infantil, criada em anexo a essa Escola Normal, era servir de estágio e aperfeiçoamento docente às normalistas.

Segundo Kuhlmann Jr. (2000), os alunos eram divididos em turmas/períodos de acordo com a faixa etária: o primeiro período funcionava com crianças de quatro anos; o segundo para as de cinco, e o terceiro para as de seis anos. Em seu quadro de funcionários havia uma inspetora – com um papel correspondente ao de diretora - e auxiliares: a vice-inspetora e a inspetora da Escola Normal. Para cada professora havia uma auxiliar. A organização pedagógica do Jardim seguia principalmente os princípios froebelianos.

O Jardim da Infancia, annexo à Escola Normal da Capital, é destinado a preparar, *pela educação dos sentidos, segundo os processos de Fröebel*, os alunnos de ambos os sexos que se destinarem à escola modelo preliminar – Decreto n. 397, de 9 de outubro de 1896 (KISHIMOTO, 1988, p. 34).

O texto abaixo mostra com clareza as posições conflitantes a respeito do assunto.

6

Nem mesmo a entrada da República, com uma nova política favorável à educação, consegue modificar tal situação. Alguns acham que a função do Estado não é "desmamar crianças" e gastar dinheiro e esforço com "diversões pedagógicas". Esse modo de pensar corporifica-se nas críticas que o renomado educador Koepke faz ao Jardim de infância [associando-o] a uma instituição assistencial que tem como finalidade única "desmamar bebê" (KISHIMOTO, 1998, p. 37).

A década de 1920, ainda segundo Kishimoto, traz muitas modificações na concepção do trabalho desenvolvido no Jardim de Infância, tendo a finalidade e o valor dessa modalidade de ensino não valorizado por muitos, desde a sua criação. Destaca-se o trabalho desenvolvido por Alice Meireles Reis que, além do apoio a outras instituições de atendimento à infância em São Paulo, exercia o cargo de professora no Jardim da Infância e atuava na formação das futuras professoras no Curso Normal da Escola Caetano de Campos, onde se desenvolviam metodologias escolanovistas, entre as quais, o centro de interesses e inúmeros jogos divulgados por Decroly⁵, Fröebel e Montessori⁶.

Ao organizar tal escola, Alice Meireles também não deixou de pensar nas crianças da elite paulistana, criadas por governantas, sendo que essas poderiam frequentar uma escola de meio período. Dentre os alunos desses estabelecimentos, constavam nomes de pessoas ilustres da sociedade.

Segundo os estudos de Oliveira (2005), a ideia de "jardim de infância", causou muitos debates entre os políticos da época. Houve muitas críticas por reconhecê-la como semelhante às salas de asilo francesas, que serviam como simples guarda de crianças. Outros a defendiam, por acreditarem que trariam benefícios para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas.

O ponto essencial da polêmica era a alegação de que, se os jardins de infância tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público.

-

⁵ **Decroly** (1871-1932) destacava o caráter global da atividade infantil e a função de globalização no ensino As necessidades capitais do homem 1) alimentação; 2) a defesa contra as intempéries; 3) a luta contra perigos e inimigos; 4) o trabalho em sociedade, descanso e diversão. Desse pressuposto deriva sua proposta pedagógica de organizar a escola em "centros de interesse", onde a criança passa por três momentos: o da observação, o da associação no tempo e no espaço e a expressão (KRAMER, 2007, p.27).

⁶ **Montessori** (1870-1952), dentre seus princípios filosóficos que baseiam seu método, defende o ritmo próprio, a construção da personalidade através do trabalho, a liberdade, a ordem, o respeito e a normalização. Destes princípios derivam as diretrizes metodológicas de Montessori, que estão calcadas: na importância da escola ativa; na visão de que a criança "absorve" o meio; na noção de "silêncio" e autocontrole; na progressão; na modificação e adaptação do mobiliário às crianças e na utilização de materiais específicos que visam a promover a aprendizagem nas diferentes áreas (KRAMER, 2007, p.27).

Kishimoto (1988) afirma que, diversos Jardins de Infância foram inaugurados no final do século XIX e início do século XX, tanto estabelecimentos públicos mantidos pelo Estado, quanto particulares – estes mantidos geralmente pelas igrejas católicas e protestantes - nas grandes capitais do Brasil e também no interior, principalmente no Estado de São Paulo.

2.3.2 Creches e Escolas Maternais em São Paulo

Como já foi apontado, a educadora Anália Emília Franco foi a primeira a utilizar o termo *creches* e *escolas maternais* para determinar suas instituições destinadas à infância, semelhantes aos asilos infantis, mas diferente, por contemplar alguns aspectos pedagógicos.

Sua primeira "Casa Maternal" foi instalada para amparar principalmente crianças negras rejeitadas ou quem aparecesse à sua porta. O principal motivo que a levou a adotar essa proteção à infância foi a sensibilidade às condições socioculturais presentes no fim do Império.

As creches de Anália divergem no atendimento por priorizar atendimento às crianças sob regime de internato e não apenas em período diurno.

Apesar da preocupação dessa educadora em atribuir caráter pedagógico às suas creches, estas acabam por priorizar em tirar as crianças da rua e colocá-las em local seguro (KISHIMOTO, 2000, p. 25).

Após a abolição da escravatura e o advento da República, a educadora já tinha dois grandes colégios gratuitos para meninos e meninas e, em 1901, funda a Associação Feminina Beneficente e Instructiva, com sede no Largo do Arouche, em São Paulo. Mantida à custa de donativos, a associação tinha entre seus benfeitores grupos maçônicos.

Seu estatuto preconizava ser de caráter leigo, mas incluiu no currículo das escolas maternais e creches, concepções espíritas como a existência de Deus, a imortalidade da alma e a comunicação com os espíritos, o que gerou certo desconforto entre as tendências católicas que apontam as instituições de Anália como "espíritas" e "perigosas", e que viviam a custa de subvenções maçônicas.

Esses episódios refletem o clima comum de desavenças entre católicos, de um lado, maçons e republicanos, de outro, no sentido de conquistar um espaço político (KISHIMOTO, 1998, p. 53-54).

Ainda segundo a autora, as obras assistenciais de Anália atendem a dois níveis: a educação infantil - creches e escolas maternais destinadas às crianças de 2 a 8 anos e a profissionalização e órfãos de mais idade – por meio de asilos, que recebiam mulheres pobres, com ou sem filhos, a elas proporcionando profissionalização.

A "Associação Beneficente e Instructiva", em 1910, abrange cerca de 9 escolas maternais na Capital, 9 no interior do Estado, além de 17 creches e asilos. Mais tarde, chega a um total de 71 escolas, 2 albergues diurnos para crianças e 23 asilos para órfãos (KISHIMOTO, 1998, p. 58).

Paralelamente às creches de Anália crescem compulsivamente outros estabelecimentos em péssimas condições de higiene que funcionavam como verdadeiros "depósitos" de crianças, os quais cobravam pequenas taxas para abrigá-las no período diurno. Estimuladas pela expansão industrial e favorecidas pela falta de fiscalização, essas creches multiplicavam-se sem as mínimas condições de atendimento, conhecidas por favorecer apenas a função de guarda. Essas creches, portanto, não mereceram atenção do governo, que se negavam a fiscalizar tais estabelecimentos mantidos pela caridade ou por pessoas que exploravam os pais desses pequenos (KISHIMOTO, 1988, p. 25).

Ainda segundo a autora, divergindo dessas creches, surgem a partir da década de 1920, estabelecimentos conhecidos como "creches modelares" destinadas ao amparo aos filhos de operários. Tinham especial preocupação com as condições higiênicas e sanitárias para o combate às doenças e focos de infecção, constantes ameaças para toda a população.

2.3.3 Criação dos Parques Infantis em São Paulo

Como lembra Kishimoto (1998, p. 59):

O empobrecimento da classe operária decorrente, especialmente, do aumento do custo de vida causado pela expansão da economia, em 1910, e pelos efeitos da guerra de 1914, cria um descompasso entre os salários dos empregados e os preços dos alimentos. O salário médio do operário paulista em vários setores é inferior àquele pago em Estados do Sul, do Norte e no Distrito Federal. E a indústria têxtil apresenta as taxas mais baixas de salário, se comparadas às do vestuário, metalúrgica e calçado.

No período que antecedeu a Revolução de 1930, alguns Estados, em razão da ampliação do mercado interno e imigração, adotaram o trabalho feminino e infantil assalariados, por serem mais baratos, agravando as condições de vida da classe operária.

Conforme Decca (1987, p.16), os trabalhadores urbanos tinham baixos salários, pouco poder de compra, jornadas diárias de oito horas para adultos e crianças, por vezes menores de 12 anos. Moravam e alimentavam-se mal e, ainda segundo a autora, poucas famílias operárias tinham casas próprias; a maioria vivia em casas de aluguel com três a quatro cômodos ou em habitações coletivas: vilas, cortiços e porões. Com os salários baixos e sem possibilidades de moradias saudáveis e boa alimentação, o operariado estava entregue à própria sorte.

A defesa do trabalho de crianças menores de idade nas fábricas fundamentava-se em um argumento pretensamente moral e social, pois retirava os menores das ruas e da "marginalização". Para Faria (1993, p. 60), no período de 1920 a 1930, a classe operária oscilava entre algumas reivindicações como estabelecimento de condições específicas para o trabalho das crianças ou sua completa proibição e exigência de frequência à escola.

Os parques infantis, criados por Mário de Andrade em 1935, podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana – a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não-escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços. Lá produziam cultura e conviviam com a diversidade da cultura nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam no tríplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear. (FARIA; MELLO, 1995).

Segundo Kuhlmann Jr (2000), os parques infantis tinham como intuito atender à infância, sobretudo crianças oriundas da classe operária. Inspirados principalmente pelas ideias de Fernando de Azevedo, modernizando-se na gestão Mário de Andrade, no Departamento de Cultura. Pregavam (e praticavam) que a Educação deveria acontecer em espaços amplos, por meio dos jogos e recreação, atentando para a higiene e saúde dos educandos.

A educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão de 30. Seu principal objetivo era o de garantir emprego a professores, enfermeiros e outros

profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos de idade (KRAMER, 1992, p.26).

Percebe-se que, embora muitos justificassem a necessidade de organizações infantis por motivos assistenciais atendendo-as crianças abandonadas, órfãs ou de mulheres trabalhadoras, a proposta era estendê-la a todas as crianças, mesmo da elite, de forma a estimular o interesse pela dinâmica da vida social e contribuir para que sua integração e convivência na sociedade sejam produtivas e marcadas pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito.

Faria (1993) relata que, o Parque Infantil D. Pedro II, localizado no centro da cidade, baseava-se na ideia de lazer dirigido e de caráter disciplinador, tornada possível graças à reorganização e ampliação do aparato administrativo municipal. Dessa experiência pioneira na organização da educação infantil pública, os demais parques foram instalados nos bairros operários e industriais de São Paulo visando atender aos filhos de operários paulistanos.

Mário de Andrade, cuja preocupação era com a *criança-cidadã*, por acreditar que o pequeno, além de aprender e consumir cultura, também produzia cultura, empreendeu realizações educacionais e culturais significativas, procurando levar cultura aos menos favorecidos - as crianças e a classe operária. Segundo Faria (1993, p. 6), ele se preocupava com a educação dos filhos dos operários e com a elevação da sua cultura, contribuindo para retirar o Brasil do "atraso" e construir a identidade nacional brasileira.

A dinâmica dos parques infantis evidenciava um grande interesse em relação à educação extra escolar: não era escola nem pré-escola, como as já existentes, mas um projeto pedagógico destinado a crianças em idade pré-escolar e, posteriormente, a adolescentes entre 12 a 15 anos (FARIA, 1993, p. 81).

Quanto à parte social, eram considerados como importantes o preparo para o convívio social, a solidariedade, a colaboração e bem-estar da comunidade e a educação higiênica. Para Miranda (1938, p. 21), a educação física, jogos, torneios, bibliotecas, jornais e clubes resumem os processos usados para integrar a criança, como também a música, teatro, coral, desenho, carpintaria, marcenaria, modelagem, bordado, tricô, costuras, festivais e excursões educativas.

Conforme Faria (1993), tais "escolas de saúde e alegria" privilegiavam o lúdico pela prática constante das brincadeiras e jogos tradicionais. Pode-se afirmar que

constituíram um espaço pioneiro de educação pública, das crianças de três a sete anos de idade.

Ainda segundo esse autor, à época de sua criação, os parques infantis foram alvos de vários debates sendo especialmente criticados por retirarem as crianças das ruas e vizinhança, onde, segundo se dizia, "brincavam com liberdade", ou, ainda, por se gastar dinheiro para as crianças se divertirem.

Portanto, ainda que não fornecessem uma educação escolarizada, priorizando cultura, educação e saúde, os Parques Infantis não podem ser reduzidos a um programa assistencialista, pois seu modelo didático-pedagógico à época de sua criação, procurava dispensar um tratamento diferenciado às crianças, a fim de que essas pudessem ser crianças, tendo respeitados os seus direitos, suas necessidades, seus valores e suas experiências, sua liberdade, e, ainda, o direito a um desenvolvimento integral e harmônico, valorizando a sua atividade criadora.

Segundo Faria (1993, p. 142):

A educação das crianças pequenas não era apenas uma questão escolar ou uma preocupação meramente caritativa-filantrópica, mas um projeto mais amplo. Desse modo, os Parques Infantis proporcionaram educação específica para a criança pequena, sem escolarizá-la e permitindo que tivesse o seu "direito à infância"

Os parques funcionavam das 7h30 às 18 horas, de segunda-feira a sábado, com duas turmas de educadores. Os responsáveis pelo atendimento às crianças eram os instrutores e professores de educação física.

Conforme as recomendações oficiais, a Seção de Parques Infantis não deveria restringir-se à dependência da burocracia administrativa, e sim ampliar-se, não somente pelas ideias, mas também pela publicidade e por sua intensa vida externa, incentivando a difusão desse sistema educativo em outras regiões do Estado de São Paulo.

3 GÊNESE DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM SOROCABA: O PARQUE INFANTIL ANTONIO CARLOS DE BARROS

A história oral devolve a História às pessoas, em suas próprias palavras. E, ao dar-lhes um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. Este capítulo reconstruirá a história do primeiro Parque Infantil de Sorocaba/SP, à luz das entrevistas realizadas com os primeiros sujeitos que dela fizeram parte.

Para Thompsom (1992), a história oral é uma aliada importante, pois complementa as fontes tradicionais, democratiza a História, e também procura fornecer uma visão ao mesmo tempo ampla e detalhada sobre aspectos que não podem ser conhecidos pelos documentos escritos, dadas sua natureza formal e normativa.

3.1 A Cidade e o Bairro do Além Ponte

Sorocaba foi fundada em 1654 pelo bandeirante Baltazar Fernandes, iniciando nesse mesmo ano as construções da sua residência, no bairro do Lageado, e da capela de Nossa Senhora da Ponte (hoje igreja de São Bento). Por não se ter certeza do dia e mês da fundação, a data de 15 de agosto, quando se festeja Nossa Senhora da Ponte, foi oficializada para os festejos de aniversário. (SOROCABA 350 ANOS, 2004, p. 124-125).

Segundo Oliveira (2002), a expansão industrial em Sorocaba provocou a vinda de muitos imigrantes, principalmente os espanhóis, que aqui chegavam de duas formas: ou vinham diretamente à cidade, atendendo ao chamado de algum parente, ou vinham após o vencimento dos seus contratos de trabalho, nas fazendas de café. A grande maioria se instalou no bairro do Além-Ponte, conhecido mais tarde como reduto dos espanhóis. O espaço distante do centro, onde até então havia poucas casas, a população era pobre, os terrenos baratos era preferido pelos imigrantes, que iniciavam a vida na nova pátria.

Mais tarde, muitos deles passaram de empregados a comerciantes, principalmente de laranjas e cebolas, tendo assim, uma participação ativa na cidade, contribuindo inclusive para a instalação de escolas e expandindo rapidamente a região (OLIVEIRA, 2002, p. 45).

A corrente migratória que se estabelece na então periferia da cidade, além da expansão econômica traz consigo novas demandas sociais com a necessidade de ampliação/instalação de serviços públicos principalmente direcionados a educação infantil, fato que pode ser observado nas ações políticas originadas na década de 1920.

Como relata KISHIMOTO (1988), o deputado estadual por Sorocaba, Luis Pereira de Campos Vergueiro, para criar melhores condições educacionais e conquistar seus correligionários, soma esforços para a instalação da primeira escola maternal em Sorocaba. O objetivo era atender aos filhos dos operários das fábricas Santo Antonio e Santa Rosália e teve sua inauguração em 20 de março de 1924, com a matrícula de 64 alunos, distribuídos em 4 salas. Para o governo paulista, a instalação dessas escolas maternais seria a concepção moderna de assistência oficial. A instalação dessas escolas anexas às indústrias favoreceu, principalmente, o contingente feminino nas linhas de produção. Funcionavam em duas turmas, de acordo com o horário de trabalho das mães. Um pediatra visitava diariamente essas crianças e atendia ainda aos chamados domiciliares.

Também foi criada uma escola maternal que recebia crianças de 3 a 7 anos, ministrando-lhes ensino pré-primário. Funcionava das seis às dezessete horas, tempo durante o qual as crianças tomavam três refeições, recebendo visita médica bimestral. O Grupo Escolar Santa Rosália, também foi inaugurado para atender principalmente aos filhos de operários das indústrias mencionadas, ministrando o ensino primário às crianças de 7 a 14 anos (Catálogo Oficial da Exposição Industrial Comercial e Agrícola do III Centenário de Sorocaba, 1954).

O que se percebe é que a preocupação principal com o atendimento aos filhos desses operários, além da guarda, era o cuidado com a saúde e alimentação.

Decorridas três décadas dos movimentos de 1924, e tendo em vista o constante crescimento econômico, a década de 1950 aponta uma cidade pujante com 130.000 habitantes, 464 estabelecimentos de grande e pequena indústria; com 28.000 operários; 987 estabelecimentos comerciais; 2.500 propriedades agrícolas; 125 associações diversas (recreativas, beneficentes, religiosas, instrutivas, esportivas, etc.); estabelecimentos de ensino como: Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; escolas normais; colégios particulares; Escola de Comércio; cursos de madureza; escola industrial; Seminário Diocesano; grupos escolares; um colégio religioso (Santa Escolástica); escolas públicas.

Por outro lado, o ideal de educação, que visava à implantação de instituições educativas, à ampliação do atendimento infantil, à preocupação com o atendimento às crianças de idade pré-escolar, teve impulso com a expansão no Brasil de uma nova concepção que tinha por prioridade incentivar a aprendizagem e o desenvolvimento psicológico e social da criança.

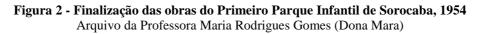
A corrente desenvolvimentista de Sorocaba alimentada pela indústria têxtil, desencadeou a instalação de outras empresas, bem como alimentou o crescimento do setor de serviços numa expansão constante nas 03 décadas que se seguiram a instalação da primeira escola maternal de iniciativa privada, anexa a fábrica Santa Rosália. Contudo apesar da demanda crescente por escolas de educação infantil, o poder público municipal só iniciará ações nesse sentido no ano de 1950.

Emerenciano Prestes de Barros assumiu o cargo de prefeito da cidade em 1º de janeiro de 1952, recebendo a prefeitura com sérias condições econômico-financeiras, dívidas a serem pagas em curto prazo, dentre as quais as relativas a salários dos servidores municipais. Obteve empréstimo a fim de saldar dívidas e recuperar o crédito até então abalado da municipalidade.

Todavia, embora não contando, como era seu desejo, com os recursos financeiros indispensáveis para a concretização dos melhoramentos de que o Município necessitava, o prefeito realizou uma série de serviços visando ao progresso da cidade e conforto de sua população, destacando-se, em 15 de agosto de 1953 por ocasião do 299º aniversário da cidade, no populoso bairro operário do Além-Ponte, o início da construção do primeiro Parque Infantil.



Figura 1 - Obras do primeiro Parque Infantil de Sorocaba, 1954 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



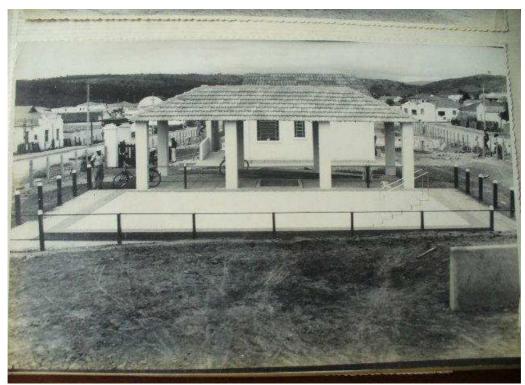


Figura 3 - Primeiro Parque Infantil de Sorocaba - Vista da lat. esquerda da obra concluída, 1954 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 4 - Primeiro Parque Infantil de Sorocaba - Vista lat. direita, 1954 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

Em 1954, a cidade de São Paulo comemorava o IV Centenário de sua fundação. Os festejos começaram em janeiro e se estenderam até quase o final do ano, espalhandose pelo interior.

Coincidentemente Sorocaba, comemorava em 1954, o seu III Centenário de fundação. Entusiasmados pelas comemorações da capital, as colônias de imigrantes resolveram participar efetivamente dos festejos demonstrando sua gratidão à cidade de Sorocaba. A colônia espanhola mandou erigir a estátua de Baltasar Fernandes, em frente à igreja de São Bento. A italiana, com o apoio do Conde Matarazzo, plantou o Monumento aos Tropeiros, em frente à Santa Casa de Misericórdia. A japonesa doou o relógio na Praça Nicolau Scarpa (ao lado do Mercado Municipal). A sírio-libanesa inaugurou festivamente a fonte luminosa da Praça Ferreira Braga (Largo do Rosário), e a israelita colocou na Praça Carlos de Campos bancos comemorativos (SOROCABA 350 ANOS, 2004, p. 125).

No conjunto dessas festividades se fez presente a inauguração do primeiro Parque Infantil, cuja ideia se disseminara alguns anos antes.

A história desse projeto teve início em 1949, quando um jovem idealista sorocabano, de apenas 19 anos, José Carlos de Almeida, estudante de Educação Física na Universidade de São Paulo, ao fazer estágios obrigatórios conheceu os parques infantis em São Paulo, em especial o trabalho de um deles, no Bairro da Água Branca. Considerou interessante e útil trazer a ideia de construir um parque infantil na cidade de Sorocaba. Segundo seu relato: durante o curso na USP, a presença do professor Antonio Boaventura da Silva ficou esculpida em minha vida de aluno [...] através de suas orientações educacionais e sociais, tive a ideia de iniciar a campanha de criação dos Parques Infantis em Sorocaba.

Uma vez formado e de volta a Sorocaba, o jovem professor, passou a ser funcionário efetivo da Prefeitura Municipal, sob a portaria n 1.741 de 01/10/1951, ao ser designado para as funções de Professor de Educação Física das escolas primárias municipais.

A persistente ideia de se ter em nossa cidade uma escola de educação infantil levou-o iniciar a campanha pela instalação de instituições para atender a educação infantil, cuja demanda se ampliava a cada ano, especialmente por o crescimento industrial estar concentrado na mão de obra feminina a qual passa a pressionar o poder publico para o atendimento a educação infantil.

Conforme relata José Carlos de Almeida;

A campanha foi iniciada através de rodapés em jornal, com mensagens que alertavam nas autoridades e na população a necessidade e os benefícios que os Parques Infantis trariam a Sorocaba, principalmente aos bairros, solucionando um problema social que, na época tendia a ampliar-se: eram mães de poucos recursos, que não tinham onde deixar os filhos menores para trabalhar e assim ajudar no sustento da família; eram crianças que precisavam de assistência, de educação, de orientações e até de alimentação.

A ausência de atendimento escolar a população infantil, incomoda-o a ponto de em 1953, pagar do próprio bolso por diversas publicações no Jornal Cruzeiro do Sul, como vemos nos exemplos abaixo.

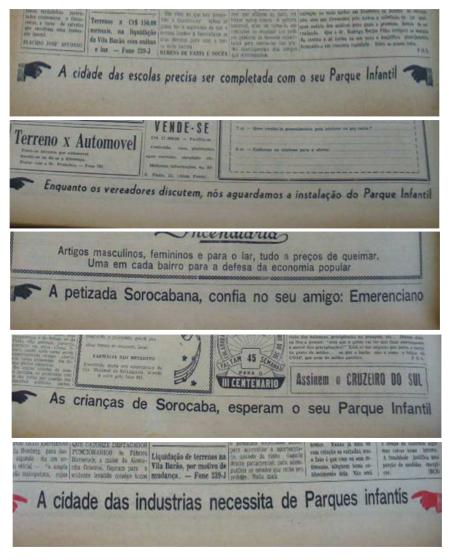


Figura 5 - Sequência de apelos publicados no Jornal, atentando para a necessidade da instalação do Parque Infantil na cidade.

De autoria do professor José Carlos de Almeida os apelos foram publicados no jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba. Arquivo do Jornal Cruzeiro do Sul.

Síntese da coletânea das publicações dos referidos apelos do Prof. José C. Almeida	Síntese da coletânea das	publicações dos	referidos apelos	do Prof. José C. Almeida
--	--------------------------	-----------------	------------------	--------------------------

VEÍCULO	Техто	DATA DE PUBLICAÇÃO	PÁG.
Jornal Cruzeiro do Sul	"A cidade das escolas precisa ser completada com	09/05/1953 – sábado	7
	seu Parque Infantil"	14/05/1953 – quinta-feira	8
		20/05/1953 – quarta-feira	8
Jornal Cruzeiro do Sul	"Enquanto os vereadores discutem, nós aguardamos	29/04/1953 – quarta-feira	8
	a instalação do Parque Infantil"	17/05/1953 – domingo	12
Jornal Cruzeiro do Sul	"A petizada Sorocabana, confia no seu amigo:	30/04/1953 – quinta-feira	8
	Emerenciano"	13/05/1953 – quarta-feira	8
		19/05/1953 – terça-feira	8
Jornal Cruzeiro do Sul	As crianças de Sorocaba, esperam o seu Parque	28/04/1953 – terça-feira	8
	Infantil	10/05/1953 – domingo	14
Jornal Cruzeiro do Sul	"A cidade das indústrias necessita de parques	03/05/1953 – domingo	1
	Infantis"	08/05/1953 – sexta-feira	1
		15/05/1953 – sexta-feira	8
		22/25/1953 – sexta-feira	8

Eram frases/apelos (Figura 5) e artigos (ANEXOS A, p.95 e B, p. 96) que alertavam as autoridades e a população sobre a necessidade dos parques infantis e os benefícios que eles trariam a Sorocaba, principalmente aos bairros, solucionando um problema social que, na época, segundo ele, tendia a ampliar-se: eram mães de poucos recursos que não tinham onde deixar seus filhos menores para trabalhar e assim ajudar no sustento da família; eram crianças que precisavam de educação, de orientações e até de alimentação.

O Prefeito da época, Emerenciano Prestes de Barros, atento às publicações, chamou o professor José Carlos em seu gabinete para saber mais sobre o assunto. Demonstrando interesse político e social, resolveu então dar condições para a concretização desse projeto.

Esse pioneiro projeto para a educação infantil municipal situada num bairro popular, para atender crianças das famílias das camadas trabalhadoras, com certeza sensibilizou a pessoa e o político, dando maior credibilidade ao prefeito. Politicamente, o bairro do Além Ponte era um dos seus redutos eleitorais, integrante de família Prestes de Barros, muito relacionada com a coletividade local, proprietária de considerável extensão de terras concentradas naquela região.

Segundo relato do Prof. Jose Carlos de Almeida políticos da época aderiram à ideia e queriam que o primeiro parque infantil fosse construído na Avenida São Paulo, ao lado da igreja Santo Antonio (Além Ponte), por ser ali um local de fácil acesso. Relata uma das professoras entrevistadas que "[...] por resistência e oposição do padre

que dizia que um Parque Infantil ao lado da sua paróquia iria atrapalhar o bom andamento das atividades religiosas, foi preciso pensar em outro local".

Foi quando o pai do prefeito, o senhor Quinzinho de Barros, ofereceu 1500 metros de terra para a construção do Parque Infantil, no final da Rua dos Morros (hoje Avenida Coronel Nogueira Padilha, na Vila Hortência — Além Ponte), contribuindo efetivamente para a consolidação do projeto. Segundo Oliveira (2002), Quinzinho de Barros, homem próspero e de muito prestígio na cidade, mantinha sólido relacionamento social e afetivo com a colônia espanhola a quem ele sempre abrigou e protegeu. Prova dessa atenção é ter sido padrinho de muitos filhos de espanhóis. Importante destacar que a família Prestes de Barros posteriormente doou à cidade outra vasta área do bairro onde hoje se instala o Parque Zoológico Municipal de Sorocaba "Quinzinho de Barros".

Considerando que seu ideal em prol da educação infantil estava prestes a se concretizar como política pública municipal, o professor José Carlos de Almeida externa seu contentamento por meio de novas publicações no jornal, deixando claro que a iniciativa de construção desse estabelecimento deveria ter sido aprovada há mais tempo, considerando as necessidades mais imediatas da criança em "ser assistida" (ANEXO C, p. 97).

Algumas alterações viárias foram feitas a partir da implantação do Parque. Uma delas foi a expansão da linha do bonde para facilitar a ida das pessoas que teriam que utilizá-lo para trabalhar e levar os filhos, facilitando também o acesso aos pontos mais distantes do bairro, colaborando, além disso, com a nova etapa da sua expansão.



Figura 6 - Construção da linha do bonde, ligando o bairro ao Parque Infantil, 1954 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

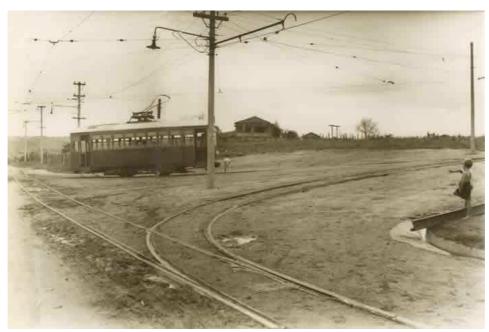


Figura 7 - Linha do bonde que liga ao Parque Infantil, 1954 Arquivo de Rubens Fusco

3.2 Entendendo o cotidiano da Instituição

A instalação do Parque Infantil despertou interesse das professoras da cidade Como relatam duas delas:

Em meados de 1954, fui dar uma volta de bonde com minha avó materna, Carmela, na Rua dos Morros, no Além-Ponte. Ao passar em frente ao Parque Infantil, que estava prestes a ser inaugurado, fiquei encantada e disse: - Que escola linda! Seria muito feliz e realizada se eu pudesse trabalhar aqui. Minha avó vendo meu entusiasmo disse-me: - Se você quiser trabalhar nesse parque, amanhã mesmo vou falar com o Emerenciano (referindo-se ao prefeito da época), primo em segundo grau e grande amigo dela [...]. Como o prefeito era primo-irmão da minha mãe, fui até a casa dele [...], solicitei uma vaga de professora no referido Parque, e ele ficou muito feliz ao ver meu interesse, visto que naquela época eram poucas as professoras interessadas em dar aulas para crianças pequenas.

Antes de iniciar as atividades no Parque Infantil, durante 15 dias, as professoras participaram das rotinas pedagógicas de Educação Infantil, na Pré-Escola Municipal "Leonor Mendes de Barros", na cidade de Santos, observando as atividades desenvolvidas e a prática pedagógica, como estagiárias naquela instituição, principalmente por não terem formação específica em educação infantil.

O que se destacava nessa instituição, de acordo com a professora Marília Monteiro Hummell era a preocupação com a saúde física e mental dos alunos. Havia a

organização das ações cotidianas, distribuídas e dirigidas pelas professoras em momentos de atividades em sala de aula, recreação, merenda, repouso e higiene física.

Em 31 de julho de 1954, o jornal Cruzeiro do Sul divulgou o Edital de Matrícula, assinado pela diretora Lucy de Barros Nardy.

A localização do Parque Infantil no Além Ponte não era impedimento para a matrícula das crianças de 3 aos 12 anos, moradoras de outro ponto da cidade (ANEXO D, p. 98)

O Parque Infantil passou a ser realidade e assumido como uma das propostas educacionais do prefeito, que tinha como finalidade atender a uma parcela da população quase que totalmente excluída das políticas públicas de educação infantil.

E no dia 1º de setembro de 1954 – quinze dias após a cidade festejar o seu III Centenário (15 de agosto de 1954) -, foi inaugurado o Parque Infantil, em uma solenidade concorrida, com a presença de diversos políticos, autoridades, familiares e a população em geral. Sendo a fita inaugural cortada pelo Prefeito Emerenciano Prestes de Barros, que após o grande feito conduziu a todos para conhecer as dependências do Parque.

A direção do Parque foi assumida pela diretora de uma Escola Estadual, Professora Lucy de Barros Nardy, designada para o cargo, juntamente com a primeira professora: Maria Domingas Tótora, o dentista Danilo Bonilha e as serventes, Dair B. Oliveira Campos, Silvia Bernardo e Maria das Dores Ribeiro.

No dia 15 de setembro a professora Aurora Tótora, passou a fazer parte do corpo docente, e no dia 22 de setembro, as professoras e Maria de Souza Del Cistia, Marília Monteiro Hummel, Ângela Oliveira Bella e Maria Enedy Falcato e o professor de educação física, José Carlos de Almeida. No dia 23 de setembro foi a vez da professora Dinah Castanho Maciel, completando então o quadro de 8 professoras.

Relatam as professoras que semanalmente as crianças do Parque Infantil recebiam a visita do médico da Prefeitura e todos os alunos eram examinados por ele. Eram feitos também exames laboratoriais e, quando se identificava algum problema, os pais eram imediatamente chamados e os alunos encaminhados para os tratamentos necessários.

Conforme nos contou a professora Marilia Monteiro Hummel, - também explicavam às mães sobre testes que eram aplicados nas crianças de desenvolvimento mental, visual e auditivo.

Registram assim as primeiras ações de enfrentamento pelo poder público no tocante a saúde e cuidado com as crianças.

Como lembra KRAMER,

A ideia de proteger a infância começava a despertar, mas o atendimento se restringia a iniciativas isoladas e que tinham, portanto, um caráter localizado. Assim, mesmo aquelas instituições dirigidas às classes desfavorecidas, [...]eram insuficientes e quase inexpressivas frente à situação de saúde e educação da população brasileira. (1992, p.26).

O Parque Infantil iniciou realmente as atividades em 14 de setembro de 1954, um mês após a inauguração do prédio, atendendo aproximadamente a 500 crianças, na faixa etária dos três aos doze anos, sendo a maioria deles provenientes do bairro do Além Ponte.

E em obediência à Lei Municipal n° 384, de 9 de dezembro de 1954, denominouse Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros".

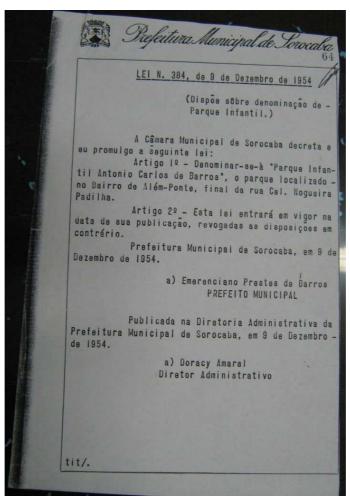


Figura 8 - Lei Municipal 384, de 9 de dez. 1954, que dispõe sobre a denominação do Parque Infantil Arquivo da Câmara Municipal de Sorocaba

No dia 12 de setembro de 1954, o Jornal Cruzeiro do Sul publicou matéria sobre o Primeiro Infantil Municipal. Em nota, relatou a homenagem a Antonio Carlos de Barros, sobrinho do então prefeito, morto tragicamente em um acidente de trânsito.

No mesmo artigo, há menção às crianças matriculadas no Parque, finalizando com as declarações do Professor José Carlos de Almeida, sobre o referido estabelecimento. (ANEXO E, p. 99).

Toda a cidade de Sorocaba mostrava-se orgulhosa com a instalação desse prédio de educação infantil. Sobre o grande feito, assim se expressou o jornal Cruzeiro do Sul em 28 de setembro e 14 de outubro de 1954, respectivamente: "É uma realidade a educação infantil em Sorocaba" e "1° Parque Infantil de Sorocaba – oportuna opinião técnica sobre este logradouro público". (ANEXOS F, p.100 e G, p. 101).

Le CHEGO Wential	Ta Damilo Bonitha	ENTRADA	SHIDH	HORRS Exter
1 Diretora	There de Barres non 1.	9	1	WINE RI
3 Professora	maria Domingas Totars	9	16	
1 mysesora	Vaga		1-16	
4 Professora				15-11-1
5 Servente	Dan B. Olivering Earry	200 8	16	1
6 Sevente	Delivia Bernardo	8	16	1
7 Sevente	Morie Das Dores Riberso	8	16	
		10	16	-
8				
9			THE NAME OF	
9 10 Observações :	ca, dia 3 de Setembro de	1954		
9 Observações: Quinta-feir	Nome	E.T.	Shion	HorasFit
9 Dervagis: Quinta feir CHROO Ventista	NONE danilo Bunitha	E.T.	Shion	HORRS Ext.
Alservações: Olivata feix CHRGO Ventista	NONE danilo Bunitha	E.T.		HORRE Ext.
9 Deservações: Quinta-feix CHRGO Ventista Paistora Referera	NOME Lamilo Borrilha Luy de Banos Nardy	ENTRADA	16	HORRS Ext.
9 Deservações: Quinta feix CHROO Ventista Distora Referenca Referenca	NONE danilo Bunitha	ENTRADA		HORRE Ext.
Dienvages: Observages: Ounta-feix CHROO Ventista Dientora Referenca Referenca Referenca	NOME describo Burrilha duy de Banos Nordy maria Domingas Tota	ENTRADA 9	16	HORRS Eate
Dienvages: Observages: Ounta-feix CHROO Ventista Dientora Referenca Referenca Referenca	NOME describo Burrilha duy de Banos Nordy maria Domingas Tota	ENTRADA 9	16	HORRS EAL
Dienvagos: Observações: Octobre de la comenta de la come	NONE dearilo Borrilha Luy de Banos Nordy maria Damingas Totos Dais B. Oliveria Composi	ENTRADA 9	16	HORRE EXT.
Dienvages: Observages: Ounta-feix CHROO Ventista Dientora Referenca Referenca Referenca	NOME describo Burrilha duy de Banos Nordy maria Domingas Tota	ENTRADA 9 7	16	HORRS Ext.

Figura 9 - Página do primeiro Livro Ponto dos funcionário do parque Infantil, 1954 Arquivo do Centro de Educação Infantil "Antônio Carlos de Barros"

O horário da diretora e das professoras era das 9h às 16h, nos primeiros dias, pois ainda não havia sido contratado todo o corpo docente. As serventes trabalhavam das 8h as 16h, como aponta o 1º livro de ponto da unidade escolar.

Após as contratações, o horário passou a ser: o primeiro período das 8h às 12h e, o segundo período, das 12h às 16h.

O prédio dispunha de uma boa estrutura física, com uma área de aproximadamente 1500 metros quadrados, espaço físico externo com muitas árvores – algumas frutíferas, que foram conservadas, quando na construção do estabelecimento: canteiros com flores, salas amplas, diretoria, refeitório, cozinha, despensa, sala para enfermaria, banheiros feminino e masculino, palco para apresentações dos alunos, parquinho com escorregador, balanços, trepa-trepa e gira-gira, além de tanque de areia, quadra de esportes, casinha de bonecas, quiosque e, completando, uma piscina – que era muito apreciada pelos frequentadores, principalmente os maiores. . Havia também boa estrutura funcional, com diretora, professor de educação física, professoras recreacionistas, serventes, cozinheiras e atendimento médico e odontológico permanente. As atividades lúdicas eram realizadas sob observação das professoras de cada turma, como demonstra as fotos a seguir



Figura 10 - Turma I, da professora Ângela Oliveira Bella, em atividade no tanque de areia, 1955 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 11 - Atividades na piscina - turmas II e II, com as professoras Maria Domingas Tótora e Maria Enedy Falcato, 2 de fevereiro 1955

Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

Segundo as professoras, os Coordenadores do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo vinham a Sorocaba ministrar cursos de Recreação Infantil aos professores, passando, mais tarde, a tarefa para os Coordenadores da Divisão de Educação Física do Estado de São Paulo.

Conforme relato do professor José Carlos de Almeida, os idealizadores atribuíram ao Parque Infantil tríplice finalidade: assistir, educar e recrear, mediante organização própria e em acordo com as necessidades imediatas dos seus frequentadores, referindo-se aos políticos, aos coordenadores que ministravam os cursos e até mesmo ao próprio prefeito.

A educação física era controlada por médicos (os alunos, segundo ele, recebiam a visita de médicos periodicamente), procurando desenvolver atividades adequadas às crianças, consistindo na organização de pequenos torneios para estimular a afeição ao grupo social e incentivar a solidariedade; os jogos infantis serviam, ao mesmo tempo, para recrear e despertar um sentimento de luta e para solidificar o companheirismo fraternal.

A aprendizagem, através das experiências dos sentidos, das brincadeiras e da interação, era vista como elemento característico das práticas pedagógicas no Parque. A educação moral deveria incutir na criança o conceito de comportamento social, o

sentido de justiça e de lealdade, a noção do dever no parque, na escola, no lar e na sociedade.

Os professores se reuniam frequentemente, para que tudo pudesse ser organizado, planejado, com muito cuidado e antecedência, para se definir também o cronograma semanal de atividades, sob controle da diretora.

Pelo registro dos livros de ponto da unidade escolar, podemos constatar que o Parque Infantil funcionava normalmente de segunda a sábado, com crianças, das 8h às 12h e das 12h às 16h. No ano de 1955, o 2º período passou a ser das 13h às 17h. Com o tempo, foi tirado o sábado como dia de trabalho.

As férias, segundo a diretora Dona Mara, não eram coletivas, havia escalas de professoras e não eram colocadas substitutas nas salas, para não onerar a Prefeitura, as classes eram divididas entre as outras professoras ou com a diretora, que muitas vezes, ministrava aulas.

O uniforme usado pelas professoras na época era saia evasê azul marinho, passando depois para cinza, blusa branca com botões na frente, gola esporte (tecido tipo piquê), no bolso da blusa tinha bordado nas cores azul e vermelho, as iniciais PI – Parque Infantil, sapato fechado, tipo sapatilha. Segundo depoimento das professoras, elas eram muito elegantes e discretas.

Com o passar do tempo, houve a necessidade do uso da calças compridas, de tecido tergal, por ser mais apropriado para trabalhar a recreação, para que assim pudessem correr, brincar e sentar-se no chão. As professoras iam trabalhar de saia e colocavam as calças no Parque. O uso social da calça comprida não era bem recebido e considerado inadequado à mulher, na época em questão.

O uniforme das crianças era calção azul marinho, sendo o calção das meninas com elástico nas pernas, camisa branca e boné branco. Embora o uso do uniforme não fosse obrigatório, as professoras gostavam de falar aos pais sobre a importância dele.

O modelo do Parque Infantil de Sorocaba era igual ao preconizado por Mário de Andrade, responsável pelas instalações dos Parques Infantis em São Paulo.

Reafirmava a ênfase no aspecto lúdico, nas brincadeiras e nas cantigas de roda, a necessidade de apropriação da cultura por parte da população e deveria incentivar a leitura oral de contos, apólogos, fábulas e textos de fundo moral.



Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 13 - Alunos em atividade de dramatização - "Chapeuzinho Vermelho", 1955. Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

Segundo Faria (1993, p. 95), Mário de Andrade tinha como preocupação os aspectos folclóricos e artísticos na educação das crianças, reativando nos parques infantis as danças dramáticas e folclóricas.

Kishimoto também comenta sobre essa importância:

No Brasil, grande parte dos sistemas pré escolares tende para o ensino das letras e números, excluindo elementos folclóricos da cultura brasileira como conteúdos de seu projeto pedagógico. [...] O repertório cultural de um país, repleto de contradições, constitui a base sobre a qual a cultura escolar é selecionada. (KISHIMOTO, 1998, p. 123).

Em 05 de novembro de 1958, sob o decreto nº 266, foi aprovado o Regimento Interno dos Parques Infantis de Sorocaba, documento administrativo e normativo que, fundamentado na proposta pedagógica, estabelece a organização e o funcionamento dos estabelecimentos e regulamenta as relações entre os participantes do processo educativo.

O Regimento Escolar, (ANEXO H, p. 102) no ano em questão, foi elaborado em dois capítulos, quais sejam:

Capítulo I - determina a organização administrativa, didática, pedagógica, disciplinar, estabelecendo a forma de trabalho, as normas para realizá-lo, assim como os direitos e deveres de todos que convivem no ambiente;

Capítulo II – Do Quadro de Funcionários - estabelece as responsabilidades e atribuições de todo o segmento de funcionários, evitando que o gestor concentre todas as ordens, todo o trabalho em suas mãos, determinando, o que cada um deve fazer e como deve fazer.

3.3 A inserção do Parque na vida da cidade

Como toda instituição, o Parque Infantil Antonio Carlos de Barros, também passou por inúmeras dificuldades no início de seu trabalho, as professoras relatam que buscavam levantar recursos por meio de diversas atividades como: Festa da Primavera, Festa do Pastel, quermesses, jogos, bingos etc., para compra de material didático, compra de uniformes para os alunos que não tinham recursos, compra de presentes para as crianças e pequenas manutenções na escola. Outro aspecto era o da merenda escolar. Apesar do ideário de boa saúde, não havia muita qualidade, nem diversidade, predominando sopa pronta e leite em pó.

Em 31 de janeiro de 1955, a diretora Lucy de Barros Nardy voltou a seu cargo de origem no Estado, assumindo, como diretora substituta, a professora da mesma unidade, Maria Enedy Falcato, que ficou no cargo de 1º de fevereiro a 8 de março de 1955. Em 10 de março do mesmo ano, a professora Maria Rodrigues Gomes (a dona Mara) assumiu as aulas da professora Angela Oliveira Bella, para que esta, por sua vez, pudesse assumir a direção. Tratou-se, novamente, de um breve mandato – no dia 12 de dezembro, ainda em 1955, a professora Angela deixa a direção, voltando às aulas, e, uma vez mais, a professora Maria Rodrigues Gomes a substitui – desta vez, assumindo a direção do Parque, na qual permaneceu, com muita firmeza e criatividade administrativa e pedagógica, até sua aposentadoria, em 1981.

As visitas das autoridades cívicas eram frequentes e marcavam o cotidiano da instituição, conforme relata a Prof^a. Maria Rodrigues Gomes: "[..] .era freqüente, os sucessivos prefeitos levarem autoridades políticas, eclesiásticas e educacionais ao Parque Infantil, e eram sempre homenageados pelas crianças e professoras. Junto ao corpo docente e discente, estas pessoas públicas deixavam evidente o apreço pela instituição".



Figura 14 - Festa de Páscoa, com a presença de autoridades e do prefeito Dr. Emerenciano Prestes de Barros, abril, 1955.

Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 15 - Festa de Páscoa, com a presença de autoridades políticas e eclesiásticas, abril 1956 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 16 - Visita do prefeito, Dr. Armando Panunzio, na festa de Natal, 1974 Fonte: Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

A aprendizagem, por meio das experiências dos sentidos, das brincadeiras e da interação, era vista como elemento característico das práticas pedagógicas no Parque.

Segundo depoimento das professoras, havia pouca diversidade de material didático, embora recebessem da prefeitura papéis, lápis, jogos, etc., parte do material ficava sob responsabilidade dos alunos.

Como muitos não tinham boas condições financeiras, usava-se sucatas, sobra de papéis de propagandas, restos de lápis dos filhos das professoras, para manter a diversidade das atividades pedagógicas.

A base era o material "tia Corina" (apostilas com diferentes modelos para a recreação, jogos etc.), orientado por Dona Araci, chefe da Divisão de Educação Infantil de São Paulo, que apresentava: educação musical, educação artística, desenhos, jogos esportivos e jogos além de ginásticas, danças infantis, recitação e poesia.

As datas festivas (Dia das Mães, dos Pais, Páscoa, Dia do Índio, Semana da Pátria e Natal), eram comemoradas, muitas vezes, com a presença da comunidade.



Figura 17 - Alunos apresentando um número musical na festa de Páscoa, 1955 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 18 - Alunos na festa de Páscoa, 1955 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 19 - Alunos na festa de Natal, 1955 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 20 - Teatro "Casa das Bonecas", apresentado pelas alunas aos pais, na festa de Natal, 1956 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

A execução do Hino Nacional pelos pequenos alunos, as apresentações nos desfiles cívicos, tanto no bairro quanto no centro da cidade, homenageavam os mais conhecidos personagens da nossa história. O Parque Infantil obedecia às determinações de ordem nacional e preparava os alunos para o respeito à pátria e aos ideais na conduta da civilização brasileira, mediante as tendências educacionais do país e os preceitos legislativos e educacionais.



Figura 21 - Desfile de 7 de Setembro, nas ruas São Bento e XV de Novembro, 1955 Arquivo da Professora Marília Monteiro Hummel



Figura 22 - Desfile de 7 de Setembro, nas ruas São Bento de XV de Novembro, 1955 Fonte: Arquivo da Professora Marília Monteiro Hummel



Figura 23 - A bandeira do Parque sendo levada à frente, por quatro alunos em trajes de gala - Desfile de 7 de Setembro, 1956

Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)



Figura 24 - Abertura do desfile de 7 de Setembro, nas ruas São Bento e XV de Novembro, 1957 Arquivo da Professora Maria Rodrigues Gomes (Dona Mara)

Contava-se muito com o idealismo das educadoras, com a orientação dos Coordenadores do Departamento de Educação Física e Esportes de São Paulo (DEFE), que realizavam cursos intensivos, dos quais as professoras participavam anualmente, e com o incentivo e apoio da chefia da DERI, de Sorocaba - Prof^a Maria de Souza Del Cistia.

Desde a sua inauguração, o Parque recebia crianças de 03 a 12 anos de idade. Para que as crianças maiores não ficassem na rua, as turmas eram compostas de 40, 60 e até 80 alunos. Os maiores iam ao Parque em um período e no outro à escola regular.

O Parque também atuava como um reforço escolar para as crianças. No início da década de 70, passou a receber crianças só até os 10 anos, conforme relata a professora Mara: a procura para os maiores não era muita e também pelo fato deles só se interessarem pela natação e jogos, dificultando assim o bom atendimento pedagógico aos menores. Em meados de 70, a faixa etária passou a ser de 04 a 06 anos de idade.

A ideia da construção desse primeiro Parque Infantil foi feliz. A prova disso é que as famílias foram se dando conta de que a novidade, além de muito boa para as crianças era imprescindível para que as mães pudessem, com a tranquilidade desejável, exercer atividades profissionais fora do lar.

Hoje, para muito além do plano inicial, os 88 CEIs (Centros de Educação Infantil, ex-Parques Infantis) são escolas ideais para a Educação Infantil em nossa

cidade. Por isso, a iniciativa do Prof. José Carlos de Almeida é merecedora de homenagens por nós educadores de educação infantil, e da população, que há meio século desfruta de benefícios educativos para suas crianças.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A história oral apresenta um objetivo diverso da tradicional, visto que sua intenção não é compor uma "história verdadeira" do passado, mas uma versão dele, levando em conta que essas vozes partem de uma história vista por diferentes ângulos, sofrendo, portanto, transformações ao longo do tempo, dependendo do repertório de cada entrevistado(a), ou seja, aí não se pode falar em algo real, mas em evocação de um real vivido.

Segundo Thompson (1998, p. 25), "a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista."

Esses aspectos da história oral levam a adotá-la como pertinente à pesquisa, que parte do pressuposto de que a identidade é construída pelos sujeitos que participam de uma dada comunidade (no caso, o Parque Infantil).

Com Thompson, se reconhece que uma das fontes mais interessantes de como tal construção ocorreu pode ser fornecida pelas narrativas dos sujeitos.

Na presente pesquisa, foram entrevistadas seis pessoas, entre as quais o Professor José Carlos de Almeida, idealizador do Parque Infantil, uma diretora, duas professoras, uma ex-aluna, um ex-aluno (APÊNDICE A).

A partir das entrevistas, buscamos sistematizar algumas impressões e aspectos comuns subjacentes às falas das pessoas que participaram da criação e do funcionamento do Parque Infantil, cada qual, como já dissemos, apresentando seu ponto de vista, de acordo com seu repertório, função no contexto, cosmovisão.

4.1 Questão de Gênero e Educação

O Parque Infantil foi inaugurado em 1º de setembro de 1954, e durante seu funcionamento contou, segundo os relatos, com um só mestre do sexo masculino - justamente seu idealizador, José Carlos de Almeida -, professor de Educação Física.

As demais personagens dessa história são do sexo feminino, diretoras e professoras: Lucy de Barros Nardy, Maria Rodrigues Gomes, Maria Domingas Tótora, Maria de Souza Del Cistia, Marília Monteiro Hummel, Ângela Oliveira Bella, Maria Enedy Falcato e Dinah Castanho Maciel.

Em Sorocaba, como vemos, ocorreu o mesmo que vinha se acentuando, com o tempo, no Brasil, incentivada pela industrialização e procura de uma nova forma de mão-de-obra assalariada. O progresso se espalhava rapidamente nas cidades. Prova viva disso era Sorocaba, que já se projetava em nível nacional como um grande centro têxtil.

A industrialização acionou uma imediata demanda: cresciam as pressões por educação. No início, expandiu-se o número de professores, contudo, em seguida, aumentavam cada vez mais as matrículas de mulheres na Escola Normal, único lugar onde poderiam seguir seus estudos e profissionalizar-se de uma maneira aprovada socialmente.

A presença feminina no magistério entre outras, pode ser entendida como ideia rapidamente incorporada da compatibilidade entre mulher e trabalho: afinidade da mulher com crianças (o propalado "instinto maternal"), a possibilidade de execução de trabalho em meio período e ambiente adequado e protegido de riscos para as mulheres.

Além disso, há o claro interesse econômico relacionado ao aumento da participação feminina na educação. A razão é simples: em um sistema capitalista, interessa gastar o mínimo possível. Como as professoras "podiam" ganhar menos e os governos pretendiam expandir o ensino para todos, tornou-se necessário reduzir custos. Assim, porque os homens não aceitavam salários menores, era mais conveniente para todos que a mulher assumisse as funções, não explicitamente pelo salário, mas por uma eventual (e ideológica) "vocação natural" para lidar com crianças, extensão, portanto, de seus pendores maternais. Mais isso era, na verdade, um discurso dissimulador dos reais interesses dos governos.

Catani (1997, p. 28-29) afirma:

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia – procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres.

Veio a República, mas as pressões acionaram mais ainda a necessidade de serem ampliadas as oportunidades educacionais. Então, as lideranças republicanas, influenciadas pelo positivismo e ideário burguês, voltaram a adotar o discurso de que o

magistério era profissão feminina por excelência: sim, a mulher era "naturalmente" dotada da habilidade de cuidar de crianças.

Enquanto isso, os professores buscavam vantagens financeiras em outras áreas. Por essa razão, as mulheres, notadamente a partir da segunda década do século XX, passaram a ingressar no magistério, principalmente as que tinham situação financeira precária (órfãs, por exemplo) e mesmo as de classe média, essas em virtude das pressões ideológicas da sociedade machista.

Almeida (1996, p.74) lembra como acontecia isso em São Paulo:

Quando se inaugurou em São Paulo a seção feminina da Escola Normal, segundo alguns historiadores, esta foi primeiramente destinada às jovens de poucos recursos e às órfãs sem dote, às quais eram interditos os sonhos de um bom casamento, dado que este se apoiava necessariamente em bases econômicas. Sendo difícil casar-se, precisavam essas moças, para não ser um peso para a sociedade, conseguir um meio de subsistência proporcionado por uma profissão digna, de acordo com o ideal feminino e que não atentasse contra os costumes herdados dos portugueses de aprisionar a mulher no lar e só valorizá-la como esposa e mãe.

Desse modo, ser professora passou a ser uma extensão das funções domésticas e a educação de crianças, dissimulada sob uma pretensa "missão" e vocação intrínsecas às mulheres, implicava um modo aceitável de comportamento. Se de um lado setores da sociedade não aprovavam o trabalho remunerado feminino, por outro, reconheciam como nobre o exercício do magistério.

Essa situação da diferença entre homens e mulheres se arrastou até o início do século XX. Não se aceitava a mulher ser educada para qualquer outro setor profissional, só para as coisas do lar, como se não fosse real a participação maciça das mulheres nas tecelagens e no exercício do trabalho doméstico remunerado. Aos poucos, todavia, pressionados os governos por uma crescente industrialização e demanda por oportunidades educativas, foi permitida e depois até estimulada a passagem daquela educação doméstica para a formação profissional, visto que a necessidade de empregar a mulher na educação era algo duplamente vantajoso aos governos.

Desde a década de 20, os governos adotaram o modelo de escola maternal. Do ponto de vista político-econômico, ganhavam-se dividendos eleitorais e geravam empregos. De outro, tais estabelecimentos (também creches e parques infantis) propiciavam meios de as mulheres ingressarem no mundo do trabalho, já que a crescente industrialização do país passou a absorver a mão-de-obra feminina, habilidosa e mais barata.

As novas trabalhadoras necessitavam deixar seus filhos em creches, escolas maternais e parques infantis, obrigadas a delegar o cuidado dos filhos, a fim de canalizar suas forças para o sistema produtivo.

Eram satisfeitas, simultaneamente, muitas demandas: acesso da mulher à educação e ao mundo do trabalho, minimizando cobranças políticas, ideológicas e econômicas. As exigências da estrutura familiar e profissional, tornadas problema, eram minimizadas tanto para o governo pressionado, como a nova trabalhadora e a criança, que tinha alguma forma de proteção.

Na entrevista do Professor José Carlos fica claro este "casamento" de intenções entre o ideal do educador e os interesses do governo:

A campanha foi iniciada através de rodapés em jornal, com mensagens que alertavam as autoridades e a população para a necessidade e os benefícios que os Parques Infantis trariam a Sorocaba, principalmente aos bairros, solucionando um problema social que, na época tendia a ampliar-se: eram mães de poucos recursos, que não tinham onde deixar os filhos menores para trabalhar e assim ajudar no sustento da família; eram crianças que precisavam de assistência, de educação, de orientações e até de alimentação.

O Prefeito da época, Emerenciano Prestes de Barros, sabendo das notas dos jornais, chamou-me para saber mais sobre o assunto, <u>demonstrando interesse político e social</u>, resolveu dar abertura para a concretização desse projeto. Fui muito bem tratado por ele e seus assessores.

Nossa conversa foi longa e estive outras vezes em seu gabinete para maiores esclarecimentos quanto ao projeto de construção de uma escola infantil. Deixei claro quanto à intenção de se ter em nossa cidade um lugar para abrigar e instruir as crianças para assim tentar minimizar esse problema social em nossa cidade (grifos nossos).

Ou seja, de um lado, o idealismo do precursor era atender à população mais carente, mas, de outro, como o entrevistado esclarece, isso só foi realizado por ser politicamente vantajoso para o prefeito.

4.2 Os vários tipos de carência

Um projeto educacional é um investimento que visa o futuro. É preciso calcular as variáveis, prever gastos, dotação de verbas, espaço para crescer, mudanças de planos, enfim, é preciso planejamento, monitoramento constante, pois nunca se sabe as consequências que poderão advir dali em diante, ainda mais se tratando de um estabelecimento pioneiro na cidade, cujo objetivo era, segundo a Professora Maria Enedy Falcato Ferreira, atender a: *crianças em sua maioria composta por família*

simples, de pais operários; as mães eram donas de casas, faxineiras ou trabalhavam nas indústrias têxteis.

Outra entrevistada explica que o parque era uma atração, um desejo, um deslumbramento para a garotada oriunda de classes menos favorecidas:

Eu levava meus irmãos e ficava observando as brincadeiras das crianças, no playground, na areia, na casinha de bonecas, mas o que eu mais queria era entrar naquela piscina. Foram longas insistências para a minha mãe, principalmente depois de ver uma amiga minha da escola primária, que estava lá no Parque. Para minha alegria ela acabou concordando e colocou eu e a minha outra irmã. Íamos os cinco para o Parque. Íamos de chinelo de dedo, tipo havaianas, o meu estava bem gasto (ex-aluna Maria Clara).

Não se tem informações sobre o desenrolar do projeto, o que aconteceu no transcorrer dos anos sob sucessivas mudanças de prefeitos, políticas, leis, contextos, circunstâncias. Não se tem acesso a documentos mais precisos. Pelos resultados e relatos, soube-se dos entraves como o da demanda maior da que se esperava. Diz a diretora, Professora Maria Rodrigues Gomes (dona Mara):

No início funcionavam 3 turmas pela manhã e 3 turmas à tarde. Quando eu entrei não tinha nem cadeira para sentar no lanche e as mesas eram pequenas, sendo ideia minha para facilitar o trabalho educativo, colocar mesas grandes no lanche e colocar cadeiras também. Logo após colocamos bancos.

De fato, os dados dão conta de que o Parque chegou a abrigar mais de 650 alunos em 1980, divididos em três períodos, prova de que, quando se implanta uma nova organização pública, não se podem prever todas as consequências, pois o projeto social, quando concretizado, apresenta variáveis não contempladas no plano inicial.

Como disse dona Mara, a diretora:

Com o tempo passamos para 4 turmas de manhã e 4 turmas à tarde, fazíamos rodízio com as turmas, pois havia deficiência na parte física. Antes de construir as salas na parte externa utilizávamos o palco e o galpão como sala de aulas. Como a procura estava muito grande fiz um projeto e apresentei ao Secretário da Educação e Cultura Prof. Marins e montamos o período intermediário e ficamos com 650 alunos, isso em 1980, era o único Parque da rede Municipal com três períodos.

As entrevistadas declararam haver pouco material didático, a despeito da ajuda da prefeitura que dotava a escola de papéis, lápis, jogos. Muitas crianças e adolescentes não tinham condições financeiras nem para adquirir o mínimo necessário.

O certo é que o Parque Infantil se ressentiu muito da falta de verbas oficiais (de planejamento?), tendo seus professores e diretora empenhado todos os esforços para mantê-lo ativo e funcionando a contento, como explica o Professor José Carlos:

As professoras eram muito dedicadas, sempre faziam cursos para se atualizarem. Havia muita falta de recurso da Prefeitura de Sorocaba, e eu e as outras professoras muitas vezes compramos do próprio bolso – gás, leite, mantimentos, remédios etc. Fazíamos isso por amor à profissão e às crianças.

A diretora, Mara, teve de angariar fundos para manutenção do estabelecimento:

Naquele tempo não havia qualidade na merenda escolar, recebíamos sopa pronta e leite e eu ia em busca de doações para enriquecê-la e variá-la. Ganhava muitos gêneros alimentícios, como: macarrão, carne, legumes variados, canjica, farinha de trigo, etc. Tudo pensando na boa alimentação dos parqueanos [...].

São comoventes a doação, o desprendimento e o amor ao próximo demonstrados pela diretora e professores para não interromper aulas e levar adiante o projeto em que tanto acreditavam. Nas palavras da diretora Mara:

Muitas vezes por falta de funcionários, fiquei na cozinha preparando merenda e as professoras lavavam até mesmo banheiros, tudo para não dispensar alunos. Nunca suspendi aulas.

Fica aí a lição de que, em matéria de políticas públicas, é fundamental planejar. Felizmente, por idealismo da diretora, professores e comunidade, o Parque não apenas cumpriu sua missão como serviu de modelo a muitos, a ponto de ser distinguido por sua excelência:

Eu sinto muito orgulho de ter ganhado o primeiro lugar de classificação de melhor Parque, competindo com outros Parques também do Estado, isso aconteceu no meu primeiro ano de direção.

4.3 Vencendo Obstáculos

Diferente da escola, da pré-escola e do jardim de infância, tanto quanto a objetivos, como à divisão de espaços, tempos e atividades, o parque infantil apresentava várias características "ecléticas".

A primeira era retirar os adolescentes das ruas no contraturno das aulas em escolas regulares, provendo um reforço escolar e oferecendo-lhes atividades de recreação, esportes etc.:

Eu ia ao Parque em um período e no outro estudava na Escola estadual Senador Vergueiro, muitos amigos meus da escola estadual e também muitos vizinhos frequentavam o Parque, mas os alunos da classe média ou alta não frequentavam, somente os mais simples, havia muitos alunos carentes, filhos de mães que trabalhavam fora de casa, algumas mães empregadas domésticas e outras que trabalhavam nas fábricas de tecelagem [...]. Para minha mãe, era quase que um alívio saber que estávamos no Parque, pois ela ficava mais tranquila (ex-aluno Rubens Fusco).

Para que as crianças maiores não ficassem nas ruas, o Parque era como se fosse um reforço, pois elas frequentavam outras escolas em outro período e para as crianças menores procurávamos dar mais brincadeiras. Os alunos eram compostos, em sua maioria, por famílias pobres (Professora Marilia Monteiro Hummel

Para as crianças menores, o parque oferecia atividades pedagógicas diversas, educação musical, educação artística, desenhos, jogos esportivos, jogos de mesa (tipo xadrez, dama, percurso), brincadeiras, histórias infantis (contadas ou ouvidas em discos), ginásticas, danças infantis, recitação e poesia:

Também tinha aulas semanalmente de balé para as meninas e aulas de judô para os meninos que tinha até mesmo troca de faixas. Tudo era muito educativo (Maria Rodrigues Gomes).

Antes o meu divertimento, dos meus irmãos e de toda a criançada do bairro era caçar passarinho e nadar na piscina pública municipal, que ficava onde hoje é o Parque Municipal "Quinzinho de Barros" e com a inauguração desse Parque Infantil foi nos oferecido outra opção tanto de lazer quanto educacional (ex-aluno Rubens Fusco).

Nas entrevistas, os ex-alunos deixaram claro que na instituição havia certa rigidez quanto a horários e seguia-se uma rigorosa rotina e padronização, comum ao contexto pedagógico da época (ensino tradicional). Mas, por outro lado, elogiaram a didática ali empregada e os momentos de desfrute, de alegria e prazer proporcionados pelas histórias contadas, jogos e brincadeiras:

No Parque tinha hora para tudo, para jogar futebol, para ir à piscina – que, aliás, eu adorava - hora do lanche, para ir ao tanque de areia, para as brincadeiras. A professora formava fila de meninos e fila das meninas de acordo com a altura para ir a qualquer lugar e sempre atrás dela [..]). Cantávamos muito, na entrada, na saída, na hora do lanche, para lavar as mãos [...]. Lembro-me muito bem de uma das minhas professoras, a Dona Terezinha Gomes, ela era muito rígida, mas tinha uma didática exemplar, pois era querida por todos. Às vezes sentávamos em roda para ela ler histórias, prestávamos muita atenção e o silêncio era sepulcral, e a

professora reinava absoluta, havia certo fascínio em seu modo de interpretar (ex-aluno Rubens Fusco).

A minha professora era brava, tudo tinha que ser certinho, não podia sair da sala sem a sua permissão e quando errava alguma coisa era repreendida (eu fazia lições da escola primária lá no Parque), mas o que eu mais gostava além da piscina, eram os jogos de damas, de pinos, de dominó, de quebracabeças, poderia passar o dia jogando (ex-aluna Maria Clara).

Havia regras rígidas também quanto à higiene (educação higiênica), tese defendida naquela época, estreitamente ligada à educação moral e cívica. Esta preocupação provinha da primeira república brasileira, período em que vários médicos apoiaram um discurso e um projeto voltados a formar cidadãos sadios e úteis à nação. Tal discurso visava promover a educação higiênica infantil na escola primária. Cabral (1929, p. 33) cita uma das ideias centrais dessa corrente:

Ensinar a hygiene no Brasil é ao mesmo tempo servir a educação cívica, porisso que, si esta visa preparar o cidadão cônscio dos seus deveres para com a patria, respeitando as suas leis, trabalhando pelo seu engrandecimento, defendendo-a nos momentos de necessidade, aquelle tende a conduzir este mesmo cidadão a um estado de capacidade de perfeição physica, sem o que o patriota não contribuirá efficazmente dentro de um tal programma.

Como atestam os depoimentos dos entrevistados, havia médico, dentista e cuidados intensivos com a higiene pessoal:

Desde a inauguração do Parque havia assistência diária dos dentistas e também do Professor de Educação Física (Professora Maria Enedy Falcato).

O parque era muito limpo e tudo muito bem organizado. Fazíamos questão de ensinar aos alunos noções de higiene. O médico da prefeitura vinha a cada dois meses examinar as crianças (Professora Marilia Monteiro Hummel).

Tinha um dentista que ficava permanente no parque, mas poucas vezes frequentei o seu consultório, pois tinha medo (ex-aluno Rubens Fusco).

Lembro-me do dentista, morria de medo dele, e vez ou outra a professora nos levava até ele para ver os dentes, eu, coitada, tão nova, e já tinha enormes "panelas" nos dentes (ex-aluna Maria Clara).

Como dissemos, educação higiênica e educação patriótica andavam juntas. O Parque, apesar de todas as dificuldades, conseguia cuidar de todos os aspectos relativos ao corpo e à mente, incutindo na criança o patriotismo:

Organizei desfile pelo bairro e também na Rua Quinze de Novembro no centro da cidade, o qual o Prefeito adorava, pois éramos nós que abríamos com as crianças e formamos uma banda com os alunos maiores. Montávamos blocos temáticos. Em um dos blocos havia crianças de 4 anos com bastão e chapéu branco que parecia capacete militar, sendo adaptado por meu esposo, que era militar, e o Comandante da época do 7º Batalhão de Sorocaba, Divo Barsotti, vendo aquelas crianças, teve a ideia de montar a Guarda Mirim de Sorocaba (Professora Maria Rodrigues Gomes).

Eu tocava reco-reco na banda e saíamos pelo bairro no desfile de 7 de setembro, também desfilávamos no centro da cidade. Participávamos de torneios entre os Parques Infantis que sempre aconteciam no Ginásio de Esportes, todo o bairro ia, era uma festa! (ex-aluno Rubens Fusco).

O cultivo da religião também não era esquecido:

Semanalmente, o Padre da Igreja Católica Bom Jesus ia a pé até o Parque, para dar aulas de catecismo para a preparação das crianças que iam participar da primeira comunhão (com as crianças católicas). Para o dia da primeira comunhão, as mães fizeram a roupa e nós fizemos o arranjo das velas. No dia houve missa na escola com a participação dos pais. Nossa, foi lindo! (Professora Maria Rodrigues Gomes).

Muitas das necessidades não atendidas no Parque eram sanadas graças aos esforços da diretora e professores. Porém, levando-se em conta a realidade social de cada aluno, os entrevistados, de origem humilde, pareciam alheios às carências que preocupavam diretora e professores. Para eles, a merenda era uma beleza:

A hora do lanche era uma alegria e eu particularmente adorava o café com leite, pão com manteiga, bolacha, canjica, frutas, sagu. As merendeiras eram boas e faziam o lanche simples ficar especial (ex-aluno Rubens Fusco).

Eu adorava o lanche, principalmente a polenta, comia umas três vezes. Tinha uma mulher que servia e ajudava na cozinha que enchia o meu prato. Mas se a cozinheira visse não deixava, dizia que só podia repetir uma vez. Do leite eu também gostava, tinha um cheiro e sabor diferente. Em casa tomávamos café até quase a borda da caneca e o leite era só pingado. Minha mãe dizia que o leite era para os menores, então no Parque eu me "esbaldava" (exaluna Maria Clara).

4.4 Questões de Identidade e Gratificação

Como defende Zimerman (1993), os seres humanos se moldam em contato com outros seres, objetos que o cercam, família, escola que frequenta, vivência partilhada com amigos, de escola, de bairro etc. Para este autor, a alteridade é um atributo intrínseco à condição do humano, e é por meio desse processo que nos humanizamos e que o outro nos humaniza.

Desse modo, o grupo é responsável pela construção da identidade, fonte da qual o sujeito recebe e assimila valores, adquire normas de conduta e cria necessidades, em uma dinâmica dialética contínua, que o acompanha por toda sua vida. Processo contínuo de intersubjetividades que se tornam condutas, comportamentos e crenças socioculturais, enfim, é assim que o sujeito forma sua identidade individual e social.

Um ponto que chamou a atenção nas entrevistas foi a questão do uniforme. Superficialmente, esse "detalhe" sempre pareceu acessório, uma simples exigência mantida ou por tradição ou por uma questão mais prática de distinguir alunos de não alunos, enfim, questão de identificação e não de identidade no sentido que acima defende Zimerman (1993).

Mas, segundo a maioria dos entrevistados, o uniforme era uma peça fundamental, uma questão de distinção, de pertencimento e de orgulho:

Falando sobre as comemorações de 7 de setembro, a Professora Marilia Monteiro Hummel anota com entusiasmo:

[...] (havia um) batalhão de crianças marchando com uniforme, meninos com shorts azul-marinho e camisa branca e as meninas com shorts azul-marinho com suspensório e blusa branca; houve também a participação de um caminhão levando em sua carroceria, casinhas de bonecas de madeira, onde uma aluna chamada Maria Luiza estava vestida a caráter, representando a boneca. Todas as professoras também desfilaram, com uniforme.

Em nossos encontros, as entrevistadas fizeram questão de descrever o uniforme com detalhes:

Quando tivemos que mudar o uniforme para calça comprida, por ser mais apropriado para trabalhar a recreação, sofremos preconceito por parte da comunidade, embora a mesma apresentasse um carinho muito grande pelo trabalho desenvolvido pelos profissionais que ali atuavam (...). Tivemos muitos alunos que não podiam comprar uniforme e nós fazíamos o que podíamos para que eles viessem uniformizados e não se sentissem diferentes (Maria Enedy Falcato – grifo nosso).

No início nosso uniforme era saia comprida, com blusa de tecido com botões na frente, éramos muito elegantes [...] na época não era de bom "tom" que mulheres usassem calças compridas (Professora Marilia Monteiro Hummel).

Éramos muito elegantes e discretas. [...] íamos de saia trabalhar e colocávamos a calça no Parque. Havia muito preconceito por parte da comunidade em relação ao uso da calca comprida, pois na época as mulheres não usavam (Maria Rodrigues Gomes).

Enfim, em se tratando de uniforme, a questão era fechada. Uma das alunas entrevistadas, que provinha de classe menos favorecida, lembrou que ela e seus irmãos tiveram de ficar em casa por não poderem ir uniformizados ao Parque:

Lembro da diretora, uma mulher bem vestida, muito bonita, mas eu tinha muito medo dela porque era bem enérgica. Ela veio falar com a minha mãe sobre o uso do uniforme, principalmente de nós não podermos ir à escola de chinelos. Mas não tínhamos dinheiro. Tivemos que ficar alguns, "longos" dias, sem ir ao Parque. Minha mãe então fez calções para nós com saco de farinha alvejado e tingido de azul, o das meninas tinha elástico nas pernas, com o pouco dinheiro de lavadeira, comprou calçado tipo "enxuga-poças" para as meninas e calçados tipo "conga" para os meninos (ex-aluna Maria Clara).

Outro sinal dessa formação da identidade era a bandeira criada para o Parque, que tremulava altiva nas solenidades e comemorações cívicas:

Minha mãe foi quem confeccionou a bandeira do Parque Infantil, que era levada na frente, por algum aluno, quando desfilávamos pelo centro da cidade ou pelo bairro (Professora Maria Enedy Falcato Ferreira).

Por iniciativa minha, criamos a bandeira do Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros", com as cores amarela, vermelha, cores de Sorocaba, e com a silhueta de uma criança na cor preta, tendo sido confeccionada por Dona Zélia, mãe da professora do Parque Enedy Falcato (Professora Maria Rodrigues Gomes).

Por fim, a gratificação e a satisfação do dever cumprido, apesar dos obstáculos:

Eu sinto muito orgulho de ter ganhado o primeiro lugar de classificação de melhor Parque, competindo com outros Parques também do Estado, isso aconteceu no meu primeiro ano de direção. Ao fazer parte da direção do 1º Parque Infantil, fiquei lisonjeada e gostei muito apesar do pouco suporte pedagógico no início, mas fiz o que foi possível e o que estava ao meu alcance, sempre com muito trabalho e dedicação. Apesar de algumas dificuldades, tive pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado durante todos esses anos, isso fez com que superássemos os desafios que tínhamos aceitado enfrentar. É importante salientar que mesmo com o pouco recurso que recebíamos conseguíamos realizar os nossos trabalhos e o mais importante é que dentro do meu período de gestão venci todas as barreiras (Professora Maria Rodrigues Gomes).

O que me moveu em todo esse tempo foi o amor, do mais puro e inocente, sem querer nada em troca, só doar. Quero dize,r ter sido uma alegria maior por ser entrevistada por você, Suad, uma ex-aluna, que tinha os cabelos bem clarinhos e crespos, que eu me lembro muito bem. Agradeço a Deus por ter cumprido o meu papel de educadora. Gostaria de acrescentar que durante a minha trajetória profissional mais aprendi do que ensinei (Professora Maria Enedy Falcato).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de incutir valores e princípios nas instituições escolares despertou o interesse e a atuação do poder que rege os ideais e a formação do homem social no Brasil. É neste sentido que se analisa a importância da escolarização para crianças menores de sete anos de idade, onde a formação social era trabalhada através das práticas pedagógicas e das relações interpessoais no ambiente escolar.

O ideal republicano, que visava à modernização e reorganização do país, passou a preocupar-se com o ensino, atribuindo a esse um caráter de importância na formação social e educativa da população. Há uma estreita relação entre educação e sociedade. Conforme relata Kramer (2007, p. 19):

Entendemos que a escola não tem o poder de mudar a sociedade, mas, simultaneamente, ela não tem o mero papel de conservar mecanicamente essa sociedade [...] a escola para crianças até 6 anos tem a função de contribuir, junto com as instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática.

A história da educação infantil é relativamente recente em nosso país. Foi nas últimas décadas que o atendimento à criança menor de sete anos de idade surgiu mais aceleradamente. Esse crescimento é motivado pelo aumento da demanda por instituições de educação infantil decorrente da inserção, cada vez maior, da mulher no mercado de trabalho.

As reflexões apresentadas sobre o histórico da Educação Infantil, a partir do século XIX, permitiram verificar que o modelo educacional sofreu incontáveis modificações. No decorrer das transformações da sociedade é possível verificar alterações na condução do ensino da infância, tais mudanças refletem as contribuições dos autores e pessoas que se preocupavam com a criança. Resultando numa visão mais humanista frente ao seu desenvolvimento global.

Em Sorocaba este cenário se reflete na instalação do Parque Infantil Antonio Carlos de Barros representando o pioneirismo na educação infantil municipal, no sentido de socialização, formação psicológica, física, moral e cívica, sobretudo no que concerne à preparação para a vida em coletividade.

A atuação do referido Parque contribuiu com a História da Educação Municipal de Sorocaba, com mais de 50 anos de atuação ininterruptos, a fim de atender à população infantil da cidade de Sorocaba. Foi implantado em 1954, e foi considerado na

época, uma inovação, pois poucas instituições em alguns estados e até no país traziam os ideais educativos aliados aos cuidados com a saúde, a higiene, aos aspectos físicos, motores, o cultivo à cultura, às tradições. Enfim, o educar e o brincar com liberdade.

Um resultado do anseio principalmente de um professor – José Carlos de Almeida - com ideias inovadoras e o senso de dever. Cidadão que se envolveu com a educação da infância sorocabana e no engajamento da sociedade civil, participando ativamente da edificação desse tão sonhado projeto educativo.

Compartilhado pelas autoridades políticas da época que vislumbraram um projeto inovador que beneficiasse não apenas as mães trabalhadoras, mas principalmente as crianças, desejando, assim, "uma escola de qualidade" para os filhos das camadas trabalhadoras.

Para as professoras, o referido Parque era referência, modelo a ser imitado, frequentado pelos filhos dos pequenos comerciantes, trabalhadores das indústrias, principalmente têxteis, e empregados das camadas mais simples.

Para os alunos, essa instituição de ensino infantil permitiu que fossem "crianças", que pudessem compartilhar esse momento único na vida do ser humano. Pois as primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade e respeito.

Aprendi muito com essa pesquisa, cultural, político, pedagógico, pessoal, profissional e socialmente; aprendi, principalmente, com as pessoas que esta pesquisa me proporcionou conhecer. Pessoas dos vários segmentos sociais, que fizeram e ajudaram a escrever esta história. A emoção jorrou muitas vezes, pois espelhando-me neles, paro para refletir sobre como foi dada a continuidade dessa história. Foi um mergulho no passado projetado num presente. Um mergulho nas lembranças, que trouxeram à tona histórias paralelas - muitas adormecidas -, mas que trouxeram à luz fatos que, sem a presente pesquisa, poderiam cair no esquecimento e se perder de vez para sempre. Foi, enfim, um mergulho na evolução histórica, política e econômica da cidade, sua expansão geográfica e composição demográfica, propiciando-nos a percepção de como a história da educação tornou possível diagramar, em parte, características da mão-de-obra feminina, a educação da criança e o sistema de produção econômica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev. 1996.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zabar, 1978.

BRASIL. Constituição (1967). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1967.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília: 1998.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Problemas educacionaes de hygiene**. Dissertação (Graduação em Medicina) - Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1929.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F.; FERREIRA, I. M. Creches e pré-escolas no **Brasil.** São Paulo: Cortez, 1993.

Catálogo Oficial da Exposição Industrial Comercial e Agrícola do III Centenário de Sorocaba (10 de maio a 31 de julho de 1954) – arquivo IHGGS

CATANI, D. et al.. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: CATANI, D. et al. (Org.) **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

DECCA, M. A. G. **A vida fora das fábricas:** cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL PRIORE, M. (Org.). **Histórias das crianças no Brasil.** ed. 2. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Histórias das mulheres no Brasil.** ed. 5. São Paulo: Contexto, 2001.

FARIA, A. L. G. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educ. Soc.**, v.20, n.69, Campinas, 1999.

_____. **Direito à infância**: Mário de Andrade e os parques infantis para as crianças de famílias operárias na cidade de São Paulo (1935-1938). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, 1993.

; MELLO, S. A. Educação e política no Brasil: Relato de uma Experiência. **Cadernos da FFC-Unes**. Marília, v. 4, n. 2, pp.133-146, 1995.

FREITAS, M. C. de (Org.). **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940).** São Paulo: Edições Loyola, 1988.

_____. Educação Infantil integrando pré-escola e creches na busca da socialização da criança – Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação. In: VIDAL, D. G.;

HILSDORF, M. L. S. Brasil 500 Anos: tópicos em História da Educação. São Paulo: USP, 2000.

______. Escolarização e brincadeira na educação Infantil. In: SOUZA C. P. de (Org.).

História da Educação: Processos, Práticas e Saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

_____. Plano inicial da Seção de Parques Infantis. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, n. 20, p. 95-98, 1936.

KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

_____. Com a Pré Escola nas Mãos. Editora Afiliada. São Paulo. 14 edição, 2007

KUHLMANN JR, M. Educando a Infância Brasileira. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MIRANDA, N. **O significado de um parque infantil em Santo Amaro.** Departamento de Cultura. Divisão de Ensino e Recreio, São Paulo, 1938.

OLIVEIRA, S. C. de. Os espanhóis. Sorocaba: TCM, 2002.

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2005.

SOROCABA 350 anos: uma história ilustrada. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, 2004.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. ed. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

APÊNDICE A: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS GRAVADAS

As gravações foram feitas nas datas e locais indicados.

Entrevista I

Entrevistada: Professora Maria Enedy Falcato Ferreira

Data: 10 out. 2002

Local: Loja de Móveis Ypê, sita à Rua da Penha, Centro, Sorocaba-SP.

Sobre a entrevistada: Maria Enedy Falcato nasceu em 13 ago. 1932, na cidade de Itu – SP, filha de Francisco Falcato Júnior e Zélia de Freitas Falcato. Casada com Antonio Ferreira, teve dois filhos: Andréa Maria Falcato Ferreira Marchetti e Francisco Antonio José Falcato Ferreira, e uma neta: Aline.

Viemos para a cidade de Sorocaba em 1950, meu pai encontrava-se com problemas cardíacos e fez tratamento na época com o Dr. Mário Inglês de Souza. Quando cheguei nesta cidade, entrei na Escola Estadual "Dr.Julio Prestes de Albuquerque" – Estadão, para cursar o último ano do curso Normal. Eu me sentia muito abalada por largar a minha turma, no último ano em Itu, mas fui muito bem recebida por todos.

A minha família é pequena, éramos três irmãos, o mais velho Waldemir Falcato – já falecido – eu, Maria Enedy, e Zélia Maria Falcato de Almeida. Papai não tinha lá grande salário, mas o que eu sempre notava é que nunca nos faltou nada, pois havia fartura de amor. Tínhamos paz.

Em meados de 1954, fui dar uma volta de bonde com minha avó materna, Carmela Capossoli de Freitas, na Rua dos Morros, apelido da rua por ser subida – hoje Rua Cel. Nogueira Padilha, no Além-Ponte. Ao passar em frente ao Parque Infantil que estava prestes a ser inaugurado fiquei encantada e disse: - Que escola linda! Seria muito feliz e realizada se eu pudesse trabalhar aqui. Minha avó vendo meu entusiasmo disse-me: - Se você quiser trabalhar nesse Parque, amanhã mesmo vou falar com o Emerenciano (referindo ao prefeito da época Dr. Emerenciano Prestes de Barros), primo em segundo grau e grande amigo dela, que logo a atendeu.

Alguns dias depois, fui chamada pela Prefeitura Municipal de Sorocaba. Que susto! Que alegria! Durante quinze dias fui para a cidade de Santos, juntamente com a avó Carmela, pois, sendo uma moça solteira, meu pai não permitiu que eu viajasse sozinha e estagiei em uma escola de Educação Infantil para me capacitar, para poder trabalhar com crianças na recreação infantil.

Em 22 set. 1954, iniciei como Professora de Recreação no primeiro Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros". Foi um dos dias mais felizes de minha vida.

Tínhamos assessoria técnica da Prefeitura Municipal de Sorocaba e também do Estado de São Paulo, recebendo visitas periódicas das Orientadoras, Profa. Corina e Profa. Celina, entre outras. Desde a inauguração do Parque, havia assistência diária dos dentistas e também do Professor de Educação Física.

No início nosso uniforme era saia comprida, com blusa de tecido com botões na frente, éramos muito elegantes, depois passamos a usar calça comprida só dentro do Parque, quando saíamos colocávamos saia, na época não era de bom "tom" que mulheres usassem calças compridas.

As crianças em sua maioria composta por família simples, de pais operários, as mães eram donas de casas, faxineiras ou trabalhavam nas indústrias têxteis.

Nunca tive problema com nenhum deles, pois éramos muito respeitadas e eles tinham muito apreço pelo Parque. Os alunos naquele tempo eram bem mais tranquilos. Os maiores gostavam mais dos jogos e da piscina.

Tivemos muitos alunos que não podiam comprar uniforme, e nós fazíamos o que podíamos para que eles viessem uniformizados e não se sentissem diferentes. Minha mãe foi quem confeccionou a bandeira do Parque Infantil, que era levada na frente, por algum aluno, quando desfilávamos pelo centro da cidade ou pelo bairro.

Semanalmente as crianças do Parque Infantil recebiam a visita do médico da Prefeitura e todos os alunos eram examinados por ele. Eram feitos também exames laboratoriais e quando percebia-se algum problema nas crianças os pais eram imediatamente chamados e os alunos encaminhados para os tratamentos necessários. Também faziam reuniões com as mães para orientá-las quanto à saúde e a higiene. Lembro também do dentista, era o Doutor Danilo Bonilha, ele começou logo no primeiro dia de aula e nós enviávamos as crianças à ele toda semana. Valorizava-se muito a saúde dos parqueanos.

Nossa rotina era bem variada, trabalhávamos muito com sucata, bandinha, jogos de mesa, histórias infantis, dramatização, fantoches, bolas, cordas etc.

Sempre comemorávamos as datas comemorativas, confeccionando cartão ou outra atividade, também era oferecido bolo e suco para as crianças. Nas datas especiais, como o dia das mães, as mesmas eram chamadas e sempre as crianças apresentavam um número para elas. Além de professora exerci o cargo de Diretora no mesmo Parque, de 1º fev. 1955 a 08 mar. 1955.

Com o passar do tempo fui removida para o 2º Parque Infantil "Marina Grohmann" – Vila Santana que havia sido inaugurado em 1956, onde permaneci até a minha aposentadoria em meados de 1980.

O que me moveu em todo esse tempo foi o amor, do mais puro e inocente, sem querer nada em troca, só doar. Quero dizer ter sido uma alegria maior por ser entrevistada por você, Suad, uma ex-aluna, que tinha os cabelos bem clarinhos e crespos, que eu me lembro muito bem. Agradeço a Deus por ter cumprido o meu papel de educadora. Gostaria de acrescentar que durante a minha trajetória profissional mais aprendi do que ensinei. Deixarei para encerrar uma frase que tanto gosto: "Dá a criança a direção que ela merece e ela nunca retrocederá" (Sêneca).

Entrevista II

Entrevistada: Professora Marilia Monteiro Hummel

Data: 16 out. 2002

Local: Rua Manoel José da Fonseca, 497, Centro, Sorocaba-SP

Sobre a entrevistada: Marilia Monteiro Hummel, nascida aos 17 jul. 1929, em Sorocaba – SP, filha de Antonio Araújo Hummel e Maria Monteiro Hummel, teve três filhos – Marilia Hummel Braga, Sonia Marisa Hummel Joly e Odair Walter Hummel Braga, e seis netos: Fabrício, Alessa, Fabio Neto, Yassara, Yasmim e Yago.

Comecei a fazer o curso Normal, no Instituto Educacional "Ciências e Letras" de Sorocaba e terminei na Escola Normal Municipal "Dr.Getulio Vargas", em dezembro de 1953.

Soube que ia ser inaugurado um Parque Infantil em Sorocaba e, como o prefeito era primo-irmão da minha mãe, fui até a casa dele, onde fui muito bem recebida por sua esposa Etelvina, esperei pela sua chegada até as duas horas da madrugada, pois ele estava em compromissos políticos, solicitei a ele uma vaga de professora no referido Parque, o qual ele ficou muito feliz do meu interesse, visto que naquela época eram poucas as professoras.

Iniciei em 22 set. 1954. Mas antes de iniciar o trabalho com crianças fiquei participando da rotina de Educação Infantil, na Pré-escola Municipal "Leonor Mendes de Barros" em Santos, por quinze dias, observando as atividades desenvolvidas e a prática pedagógica, como estagiária naquela instituição. O que mais demonstrava nessa instituição era quanto à preocupação com a saúde física e mental dos alunos. Havia a organização das ações cotidianas, distribuídas e dirigidas pelas professoras em momentos de atividades em sala de aula, recreação, merenda, repouso e higiene física.

No início o Parque não estava bem organizado, ficávamos com até 80 crianças por professora, divididas por idade. Iniciamos com 3 turmas no período da manhã e 3 turmas no período da tarde, a faixa etária das crianças era dos 3 aos 12 anos de idade.

A cerca da escola era de pau a pique com arame farpado, onde os pais iam buscar as crianças antes do horário só para ficar olhando as atividades. Parecia que a comunidade gostava muito do Parque, embora achassem que as crianças iam no "parquinho" só para brincar.

No início nosso uniforme era saia comprida, com blusa de tecido com botões na frente, éramos muito elegantes, depois passamos a usar calça comprida só dentro do Parque, quando saíamos colocávamos saia, na época não era de bom "tom" que mulheres usassem calças compridas.

Em uma travessa da Rua dos Morros tinha o "inferninho" e as crianças filhos das "mulheres da vida" também frequentavam o Parque.

A Diretora Lucy de Barros Nardy era muito enérgica, gostava de tudo em ordem. Era emprestada de uma Escola Estadual, que veio para o Parque Infantil para auxiliar a prefeitura quanto às rotinas de uma Escola.

As atividades pedagógicas eram bem variadas, assim como: Educação musical, educação artística, desenho, jogos esportivos, brincadeiras, histórias infantis contadas ou com disco, ginásticas, danças, recitação, poesia, dramatização e natação. Existia também piscina, tanque de areia, escorregador, balanço, gangorra, quadra de esportes e casinha de bonecas.

Pedagogicamente era usado o material da Tia Corina, orientada por D. Araci, que era Chefe de Divisão de Educação Infantil de São Paulo, onde participei de um curso de um mês em São Paulo, coordenado e administrado por várias professoras do Parque da Água Branca, onde ficamos hospedadas.

Para que as crianças maiores não ficassem nas ruas, o Parque era como se fosse um reforço, pois elas frequentavam outras escolas em outro período e para as crianças menores procurávamos dar mais brincadeiras. Os alunos eram compostos em sua maioria por famílias pobres.

O Parque era muito limpo e tudo muito bem organizado. Fazíamos questão de ensinar aos alunos noções de higiene. O médico da prefeitura no início vinha semanalmente examinar as crianças e explicava às mães sobre testes que eram aplicados nas crianças de desenvolvimento mental, visual e auditivo, com o tempo passaram vir a cada dois meses. Desde a inauguração do Parque havia assistência diária de um dentista.

Eram também muito trabalhadas na parte pedagógica as datas comemorativas, sendo de minha iniciativa participar do desfile de sete de setembro, juntamente com outras escolas, saindo o mesmo do Largo São Bento até a Rua Quinze de Novembro, no Largo do Canhão, com

a presença da Policia Militar, do Vereador Edward Frufru Marciano da Silva – um dos vereadores mais atenciosos do Além- Ponte, do Prefeito Emerenciano Prestes de Barros e autoridades que ficavam no saguão do Sorocaba Clube.

Fizemos blocos temáticos por turma: A aluna Cidinha, uma mimosa baliza ia à frente e atrás crianças pulando cordas e cruzando-as — inclusive uma das crianças é a famosa Educadora de nossa cidade Profa Maria Inês Moron Pannunzio -, algumas crianças representando personagens de histórias infantis (Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Caçador e Vovozinha), blocos de esportes — crianças de shorts com bola na mão -, batalhão de crianças marchando com uniforme, meninos com shorts azul-marinho e camisa branca e as meninas com shorts azul-marinho com suspensório e blusa branca, teve também a participação de um caminhão levando em sua carroceria, casinhas de bonecas de madeira, onde uma aluna chamada Maria Luiza estava vestida a caráter, representou a boneca. Todas as professoras também desfilaram, com uniforme, saia evasê azul marinho e blusa branca.

Sempre cantávamos o Hino Nacional e incutíamos nas crianças o amor à pátria.

Na festa de Natal realizada no Parque, o prefeito Dr. Emerenciano sempre estava presente, juntamente com sua esposa Etelvina e também alguns assessores.

Fiquei mais ou menos 12 anos sendo professora do Parque Infantil, depois abdiquei da profissão para cuidar dos filhos.

Na festa de 25 anos dos Parques Infantis, no Governo do Dr. Theodoro Mendes, solicitei ao então prefeito a minha volta à Prefeitura, pois já estava com os filhos já crescidos e todos casados e eu como estava separada judicialmente e necessitando trabalhar, fui prontamente atendida por ele e seus assessores.

Retornei às atividades em 1981. Trabalhei em algumas creches, inclusive as Creches Domiciliares, já na Administração do Prefeito Flávio Chaves, onde tive a oportunidade de trabalhar com as professoras: Maria Izolina Borges, Maria Olinda Mendes, Raquel Prestes de Barros, sob a Coordenação de Regina Gimenez sob a Chefia de Ivone Castilho, do Serviço Social, e auxiliares pedagógicas e psicológicas.

Nas Creches Domiciliares dávamos assistência às Mães Crecheiras, que hospedavam o dia inteiro as crianças de outras mães que trabalhavam fora. Nesse período tínhamos as Auxiliares de campo que ministravam algumas brincadeiras lúdicas e ensinavam as boas maneiras às crianças.

Depois disso é que entrava o nosso trabalho, nós professoras planejávamos e dávamos aulas às auxiliares de campo que passavam o aprendizado às crianças. A Prefeitura fornecia alimentação, materiais de limpeza e remuneração às mães crecheiras.

Depois fui trabalhar na Biblioteca da Escola Municipal "Dr.Getulio Vargas", onde fiquei até a minha aposentadoria.

Deixarei um versinho que lembro muito bem de uma aluna chamada Lidia Maria do Parque Infantil "Marina Grohmann" da Vila Santana que, vestida como uma boneca, recitava- o com lágrimas nos olhos, e o Dr. Gualberto Moreira, Prefeito da época, entusiasmado pela apresentação abraçou-a e também cumprimentou seus familiares.

"Bonequinha"

Eu sou uma boneca, de carinha bonita

Vestido bem rodado, dengosa e catita

Eu vou além, muito além

Ah! Que vida gostosa, que a bonequinha tem.

Entrevista III

Entrevistado: Professor José Carlos de Almeida

Data: 20 jun. 2003

Local: Rua Nelson Mascarenhas, 37, Mangal, Sorocaba-SP.

Sobre o entrevistado: José Carlos de Almeida, nascido aos 06/09/1930, em Sorocaba, filho de Adalgiso Loureiro de Almeida e Josepha Funes de Almeida, casado com Enicéia Freitas de Almeida, tem três filhos – Antonio Carlos (casado), Maria Izabel e Maria Filomena (gêmeas), e dois netos – Vítor e Juliana filhos de Antonio Carlos.

Comecei minha vida escolar no Colégio Santa Escolástica, no curso denominado "A Cartilha". O primário cursei no Grupo Escolar "Visconde de Porto Seguro" que funcionava na Rua Monsenhor João Soares, num sobradão antigo. Entrei no preparatório para os exames de admissão ao ginásio. Fui para Campinas, ingressando no Diocesano "Santa Maria" e no "Ateneu Paulista", onde fiz a 1ª série e a 2ª série ginasial e a 3ª série vim fazê-la aqui em Sorocaba, no "Estadão". Concluí o ginásio no Colégio "Ciências e Letras", que nessa época funcionava no Largo São Bento.

De Sorocaba, terminando o curso ginasial, segui para São Paulo, onde no Colégio "Maria José", fiz o colegial científico. Depois ingressei na Escola de Educação Física da USP, tendo aí concluído em 22 de dezembro de 1949. Outro diploma superior viria bem mais tarde – o de advogado, tendo me formado bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Bragança Paulista, em 08 de março de 1971.

Saliento que, no tempo da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo – USP – a presença do Prof. Antônio Boaventura da Silva foi muito importante para minha carreira e suas palavras ficaram esculpidas em minha vida de aluno, pois "através de suas orientações educacionais e sociais, tive a ideia de iniciar a campanha de criação dos Parques Infantis em Sorocaba, que tão relevantes serviços vêm prestando à população infantil".

A campanha foi iniciada através de rodapés em jornal, com mensagens que alertavam nas autoridades e na população a necessidade e os benefícios que os Parques Infantis trariam a Sorocaba, principalmente aos bairros, solucionando um problema social que, na época tendia a ampliar-se: eram mães de poucos recursos, que não tinham onde deixar os filhos menores para trabalhar e assim ajudar no sustento da família; eram crianças que precisavam de assistência, de educação, de orientações e até de alimentação.

O Prefeito da época, Emerenciano Prestes de Barros, sabendo das notas dos jornais, chamou-me para saber mais sobre o assunto, demonstrando interesse político e social, resolveu dar abertura para a concretização desse projeto. Fui muito bem tratado por ele e seus assessores. Nossa conversa foi longa e estive outras vezes em seu gabinete para maiores esclarecimentos quanto ao projeto de construção de uma escola infantil. Deixei claro quanto à intenção de se ter em nossa cidade um lugar para abrigar e instruir as crianças para assim tentar minimizar esse problema social em nossa cidade. Queriam que o primeiro Parque Infantil fosse construído na Avenida São Paulo ao lado da Igreja Santo Antonio, por ser um local, próximo ao centro, mas por resistência do padre daquela igreja, não foi possível. Sendo, portanto, por disponibilidade de local, construído na Rua dos Morros (hoje Coronel Nogueira Padilha), no Bairro Além-Ponte.

Em setembro de 1954, foi inaugurado esse parque, onde fui um dos professores da unidade (professor de educação física). Senti muito honrado e orgulhoso em saber que meu ideal não era uma utopia, pois acreditava que com muita insistência conseguiria "amolecer" os políticos em nossa cidade ao atender à população infantil e mudar os rumos da nossa história.

Como professor, dava atividades recreativas – ginástica, jogos variados, utilizando a quadra de esportes (atividades de acordo com a faixa etária).

As professoras eram muito dedicadas, sempre faziam cursos para se atualizarem. Havia muita falta de recurso da Prefeitura de Sorocaba, e eu e as outras professoras muitas vezes compramos do próprio bolso – gás, leite, mantimentos, remédios etc. Fazíamos isso por amor à profissão e às crianças.

Fui também professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços, em São Paulo, de março a novembro de 1949. Em 1950, ingressei como professor do Ginásio Estadual de Nova Granada, cidade próxima a São José do Rio Preto. Em 1951 voltei para Sorocaba e passei a ser professor de Educação Física, no Ginásio "Julio Prestes de Albuquerque" – "Estadão". Em busca de maior progresso prestei concurso e ingressei como professor efetivo em 1953, no Ginásio do Estado de Echaporã, cidade perto de Marília. Mas minha atividade me reservava uma abertura maior no funcionalismo público estadual. Em 1954, fui designado Delegado Regional de Esportes, em Sorocaba. Tendo feito muito pela cidade e região em

matéria de esportes, com reflexos benéficos para todo o Estado. Em 1955, foi professor de Educação Física na Escola Municipal Dr. "Getúlio Vargas". Após, afastei-me da Prefeitura de Sorocaba por 10 anos.

De 1954 a 1976, pertenci à Comissão das Festividades da Semana da Pátria. Fui nomeado em 1963, Secretário da Educação e Saúde da Prefeitura de Sorocaba, conseguindo através de convênios, bom atendimento à população, pelo Pronto Socorro, principalmente às crianças. A minha ordem era "atendimento imediato e dispensa da burocracia". Fui ainda, Professor da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba e juiz relator do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) do Estado. Aposentei-me em 1986. Voltei às atividades na Prefeitura de Sorocaba, onde trabalhei no setor Jurídico, até a segunda aposentaria em 1988.

Ao longo de minha carreira recebi muitas homenagens, troféus, medalhas, diplomas de honra ao mérito, oriundos das mais diferentes cidades do Brasil. Em Sorocaba, segundo a imprensa e o que me deixa muito orgulhoso, apesar da minha humildade, fui uma das personalidades, mais homenageadas pelas entidades, clubes, escolas e órgãos do poder público.

Recebi em 27 de dezembro de 1974, "votos de aplausos e congratulações por minha atuação e participação na vida pública, sempre visando aos altos interesses do órgão que dirigi e honrei a cidade".

Palavras finais do Professor José Carlos de Almeida – "Gostei de ser professor, principalmente de dar aulas aos menores, nunca tive problemas com os alunos. Apenas sinto que na Educação, houve por parte do Governo, desvalorização do professor, tanto financeiramente, quanto profissionalmente, principalmente o professor de educação física e o professor de educação infantil.

Entrevista IV

Entrevistada: Maria Rodrigues Gomes (dona Mara)

Data: 25 e 26 de junho de 2003

Local: Oficina Pedagógica Municipal de Sorocaba Professora Maria Cristina lolatta

Pereira

Sobre a entrevistada: Maria Rodrigues Gomes nasceu em 04/10/1933, na cidade de Sorocaba/São Paulo, filha de Francisco Antonio Rodrigues e Rosa Rodrigues Ajala. Casada com Sebastião Gomes (Coronel Babá), teve três filhos: Marcos Rodrigues Gomes, Mônica Rodrigues Gomes Fernandes e Mauricio Rodrigues Gomes, e cinco netos: Marina, Paula, Rafael e Mauricio Filho.

Cursei o Normal na Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas", onde conclui em 1953, concomitante fiz o curso Científico, na Escola Estadual "Dr. Júlio Prestes de Albuquerque" – Estadão. Logo que me formei, fiquei um pouco ansiosa para começar a lecionar, foi quando soube que no Parque Infantil "Antonio Carlos de Barros", tinha vagas, pois entrava e saía professora, e tinha uma pessoa na Prefeitura municipal de Sorocaba, que eu sempre o procurava para pedir substituição de aulas. Daí devido a tanta insistência minha consegui uma vaga de professora substituta por 10 meses, de 10 mar. 1955 a 12 dez. 1955, no lugar da Professora Ângela Oliveira Bella, que assumiu a direção do referido Parque, no lugar da Diretora Lucy de Barros Nardy, que havia voltado ao seu lugar de origem em uma escola estadual.

A partir de 13 dez. 1955, assumi a direção desse Parque, pois todas as professoras que ali lecionavam foram convidadas a assumir a direção, mas como nenhuma delas quis o cargo e eu, sendo moradora do bairro Além-Ponte, o Vereador de nossa cidade Edward Frufru Marciano da Silva, procurou a prefeito Emerenciano Prestes de Barros, para dar ótimas referências minhas como professora, o qual imediatamente mandou chamar-me, para me oferecer o cargo de Diretora.

Fiquei com medo de conversar com o Prefeito, pois parecia pela sua seriedade que ele era muito bravo. Não dei resposta de imediato ao prefeito, pois, sendo noiva, precisava falar sobre o assunto com meu noivo, que fazia Academia de Oficiais da Polícia Militar em São Paulo. No outro dia quando apareci no Parque Infantil para trabalhar, fui aplaudida por todos e mesmo sem falar com meu noivo, resolvi aceitar o convite para ser diretora, onde fiquei até agosto de 1981, quando me aposentei.

Enfrentei muita resistência por parte da servente Dona Maria, que trabalhava como merendeira e também por parte de algumas professoras, pois eu era muito jovem, tinha apenas 22 anos. Apesar da minha pouca idade, eu tinha muita criatividade, tanto com o trabalho pedagógico, quanto a incrementar a merenda escolar.

Quando assumi a direção coloquei ordem na parte administrativa, organizei o livro ponto, livros de atas, livros de registros, de visitas, boletins escolares, livro de termo de relatório de todo andamento escolar, os quais eu entregava ao Prof. José Carlos de Almeida, Delegado dos Esportes, para averiguar.

Naquele tempo não havia qualidade na merenda escolar, recebíamos sopa pronta e leite e eu ia em busca de doações para enriquecê-la e variá-la. Ganhava muitos gêneros alimentícios, como: macarrão, carne, legumes variados, canjica, farinha de trigo, etc. Tudo pensando na boa alimentação dos parqueanos.

Desde a sua inauguração o Parque recebia crianças na faixa etária de 3 a 12 anos incompletos, sendo que no início da década de 70 por decisão minha, resolvi não mais receber

crianças de 9 a 12 anos, pois a procura não era grande e também pelo fato dos maiores só se interessarem pela natação e grandes jogos, dificultando assim o bom andamento pedagógico com os menores. Ficando a clientela dos 3 aos 9 anos. Os outros Parques Infantis fizeram o mesmo.

O bonde que fazia a linha do Além-Ponte ia até a Rua Assis Machado e com o funcionamento do Parque Infantil, ele estendeu-se até após o mesmo, pois o bairro havia crescido muito. Muitas vezes fui trabalhar de bonde.

Trabalhávamos de segunda a sábado, com crianças das 8h às 12h e das 13h às 17h. Começamos perceber aos sábados um grande movimento de carros na Rua Tomé de Souza (travessa em frente ao Parque), constatamos então que nessa rua havia um "inferninho" – casa de "mulheres da vida" e muitos homens passavam a madrugada de sábado e iam embora pela manhã, havia poucas casas nessa rua. Os filhos dessas mulheres também eram nossos alunos.

Com o tempo foi tirado o sábado como dia de trabalho, as férias não eram coletivas, havia escalas de professoras e não eram colocadas substitutas nas salas, para não haver oneração para a Prefeitura. A classe era dividida entre as outras professoras, ou com a direção. Eu mesmo fiquei muitas vezes com classes dando aulas. Existia uma lei que dizia que na falta da professora a diretoras teria que assumir a classe.

O uniforme que usávamos na época era saia azul marinho, passando depois para cinza, blusa com botões na frente, gola esporte (tecido, tipo piquê), no bolso da blusa tinha bordado nas cores azul e vermelho as iniciais PI (Parque Infantil), sapato fechado tipo sapatilha. Éramos muito elegantes e discretas. A calça comprida, tecido tergal, veio um pouco depois, íamos de saia trabalhar e colocávamos a calça no Parque. Havia muito preconceito por parte da comunidade em relação ao uso da calca comprida, pois na época as mulheres não usavam.

No início funcionavam 3 turmas pela manhã e 3 turmas à tarde. Quando eu entrei não tinha nem cadeira para sentar no lanche e as mesas eram pequenas, sendo ideia minha para facilitar o trabalho educativo, colocar mesas grandes no lanche e colocar cadeiras também, logo após colocamos bancos.

Eu sinto muito orgulho de ter ganhado o primeiro lugar de classificação de melhor Parque, competindo com outros Parques também do Estado, isso aconteceu no meu primeiro ano de direção.

Com o tempo passamos para 4 turmas de manhã e 4 turmas à tarde, fazíamos rodízio com as turmas, pois havia deficiência na parte física. Antes de construir as salas na parte externa utilizávamos o palco e o galpão como sala de aulas. Como a procura estava muito grande fiz um projeto e apresentei ao Secretário da Educação e Cultura Prof. Marins e montamos o período intermediário e ficamos com 650 alunos, isso em 1980, era o único Parque da rede Municipal com três períodos. Fui muito corajosa, pois o meu ideal era trabalhar para o

bom andamento da escola, para que as professoras tivessem a sua sala, não trabalhando mais em rodízio. Trabalhávamos com muita organização, postura e dedicação. Sempre coloquei as crianças em primeiro lugar, defendia-as com unhas dentes.

Participava sempre de cursos em São Paulo e Campinas, buscando materiais e novidades pedagógicas. Sendo que alguns eram confeccionados pelas próprias professoras.

Muitas vezes, por falta de funcionários, fiquei na cozinha preparando merenda e as professoras lavavam até mesmo banheiros, tudo para não dispensar alunos. Nunca suspendi aulas.

Organizei desfile pelo bairro e também na Rua Quinze de Novembro no centro da cidade, o qual o Prefeito adorava, pois éramos nós que abríamos com as crianças e formamos uma banda com os alunos maiores. Montávamos blocos temáticos. Em um dos blocos havia crianças de 4 anos com bastão e chapéu branco que parecia capacete militar, sendo adaptado por meu esposo, que era militar, e o Comandante da época do 7º. Batalhão de Sorocaba, Divo Barsotti, vendo aquelas crianças, veio a ideia de montar a Guarda Mirim de Sorocaba. Maria Rodrigues Gomes

Semanalmente, o Padre da Igreja Católica Bom Jesus ia a pé até o Parque, para dar aulas de catecismo para a preparação das crianças que iam participar da primeira comunhão (com as crianças católicas). Para o dia da primeira comunhão, as mães fizeram a roupa e nós fizemos o arranjo das velas. No dia houve missa na escola com a participação dos pais. Nossa, foi lindo!

Era frequente os sucessivos prefeitos, levarem autoridades políticas, eclesiásticas e educacionais, ao Parque Infantil e eram sempre homenageados pelas crianças e professores.

Junto ao corpo docente e discente, estas pessoas públicas deixavam evidente o apreço pela instituição. O Parque Infanti, obedecia às determinações de ordem nacional e preparava os alunos cultivo ao respeito à pátria e aos ideais na conduta da civilização brasileira, valorizando o princípio da educação moral e cívica.

Trabalhávamos muito com a comunidade, a qual era muito participativa, eu fazia reuniões mensais, por classe, para poder orientar, valorizar o trabalho pedagógico, as crianças e a própria comunidade. As mães ajudavam em tudo, parecia que era escola particular, nós mostrávamos e valorizávamos tudo internamente e elas viam tudo o que acontecia lá dentro, a escola era aberta aos pais. Na saída, as crianças eram retiradas com muita organização nas classes, junto com as professoras.

As datas comemorativas eram marcadas por adornos referentes, sendo tudo ajudado e confeccionado pelas mães – dia do índio, páscoa, mães, pais, dia das crianças, natal, carnaval etc.

Também havia aulas semanalmente de balé para as meninas – a primeira Professora foi Sara Meira e, logo após, a Ana Maria, e aulas de judô para os meninos – Prof. Antoninho, que tinha até mesmo troca de faixas. Tudo era muito educativo, eu dei abertura para o balé e judô, fui pioneira, eu nunca copiei nada de ninguém, sempre criei, encarei tudo e assumi, tinha argumentos e limites.

Havia formatura no final do ano com becas, no início emprestava-as, depois confeccionamos as becas e os chapéus, após a formatura dávamos um mimo para as crianças.

Passaram por mim quatro gerações de alunos. Durante a minha carreira na Prefeitura Municipal de Sorocaba, passei por vários prefeitos: Emerenciano Prestes de Barros, Artidoro Mascarenhas, Gualberto Moreira, José Lozano, Armando Panunzio, José Crespo Gonzáles, Theodoro Mendes, Flávio Chaves e Paulo Mendes.

Logo que iniciei a carreira, casei-me, tive em seguida meu primeiro filho Marcos, e continuei minha profissão, enfrentando os problemas daquele tempo e graças a Deus, não fiquei dona de casa.

Mesmo dedicando de corpo e alma ao Parque Infantil, nunca abandonei minha família, pois conciliava família e trabalho, eu me desdobrava, pois não havia comodidade como hoje. Meu esposo, sempre me ajudava nas festas realizadas no Parque, para a comunidade, fazendo o papel de apresentador dos números das danças dos alunos, participando também no que podia.

Ao fazer parte da direção do 1º Parque Infantil, fiquei lisonjeada e gostei muito apesar do pouco suporte pedagógico no início, mas fiz o que foi possível e o que estava ao meu alcance, sempre com muito trabalho e dedicação.

Apesar de algumas dificuldades, tive pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado durante todos esses anos, isso fez com que superássemos os desafios que tínhamos aceitado enfrentar.

É importante salientar que mesmo com o pouco recurso que recebíamos conseguíamos realizar os nossos trabalhos e o mais importante é que dentro do meu período de gestão venci todas as barreiras.

Sabendo da importância que desempenha o desenvolvimento da criança nesta etapa da Educação, vejo que nossa cidade está caminhando em ritmo acelerado no que diz respeito a criação de mais escolas de Educação Infantil com espaço físico e material pedagógico adequado, vindo a auxiliar nossos professores no melhor desempenho de suas funções tornando suas aulas mais atrativas e dinâmicas, pois quem ganha com tudo isso são as crianças. Sintome, portanto, realizada.

Entrevista V

Entrevistado: Aluno Rubens Fusco

Data: 29 jun. 2004

Local: Rua Profa Zizina Arruda, 48, Jardim Vera Cruz, Sorocaba, SP.

Sobre o entrevistado: Rubens Fusco, nascido aos dezessete dias do mês de junho de mil novecentos e quarenta e seis, em Sorocaba, filho de Aparecido Antonio Fusco e Nuncia Canducci Fusco, casado com Leosina Maria Fusco, tem dois filhos Carlos Roberto Fusco com 26 anos e Kelly Roberta Fusco com 22 anos.

Éramos sete irmãos e eu era o penúltimo filho. Meu pai era barbeiro e minha mãe dona de casa.

Meu pai era muito conhecido no bairro, pois sua barbearia funcionou por mais de 40 anos na Rua dos Morros n. 1080.

Nós morávamos na Rua Padre Antonio Brunetti, 36, na Vila Hortência. Eu tinha mais ou menos 6 anos quando vi a construção do Parque Infantil – inclusive tiraram uma foto minha olhando a construção do trilho do bonde, que saiu no jornal da época. O bonde que fazia a linha da Rua dos Morros terminava na Rua Assis Machado e, por causa da construção desse Parque, a linha foi estendida até a rua onde eu morava e parava em frente à minha casa.

Meu pai sempre dava café para os motorneiros e o cobrador do bonde. Lembro que o bonde dava a ré fazendo o "balão" para voltar à rua dos Morros.

Houve divulgação da inauguração do Parque, em todo o bairro e então minha mãe matriculou eu e meu irmão Nelson, então com 5 anos. No dia da inauguração fui junto com a minha mãe e minha irmã mais velha, participar do evento. Estavam presentes o prefeito Senhor Emerenciano, sua esposa Dona Etelvina e vários políticos, me recordo de um deles era o Edward Frufru.

Eu ia ao parque em um período e no outro estudava na Escola estadual Senador Vergueiro, muitos amigos meus da escola estadual e também muitos vizinhos, frequentavam o parque, mas os alunos da classe média ou alta não frequentavam, somente os mais simples, havia muitos alunos carentes, filhos de mães que trabalhavam fora de casa, algumas mães empregadas domésticas e outras que trabalhavam nas fábricas de tecelagem.

Para minha mãe, era quase que um alívio saber que estávamos no Parque, pois ela ficava mais tranquila.

Antes o meu divertimento, dos meus irmãos e de toda a criançada do bairro era caçar passarinho e nadar na piscina pública municipal, que ficava onde hoje é o Parque Municipal "Quinzinho de Barros" e com a inauguração desse Parque Infantil foi nos oferecido outra opção tanto de lazer quanto educacional.

Tinha um dentista que ficava permanente no parque, mas poucas vezes frequentei o seu consultório, pois tinha medo.

No Parque tinha hora para tudo, para jogar futebol, para ir à piscina – que aliás eu adorava-, hora do lanche, para ir ao tanque de areia, para as brincadeiras. A professora formava fila de meninos e fila das meninas de acordo com a altura para ir a qualquer lugar e sempre atrás dela.

Cantávamos muito, na entrada, na saída, na hora do lanche, para lavar as mãos...

Lembro-me muito bem de uma das minhas professoras, a Dona Terezinha Gomes, ela era muito rígida, mas tinha uma didática exemplar, pois era querida por todos. Às vezes sentávamos em roda para ela ler histórias, prestávamos muita atenção e o silêncio era sepulcral, e a professora reinava absoluta, havia certo fascínio em seu modo de interpretar.

A hora do lanche era uma alegria e eu particularmente adorava o café com leite, pão com manteiga, bolacha, canjica, frutas, sagu. As merendeiras eram boas e faziam o lanche simples ficar especial.

Da diretora lembro-me bem da Dona Mara, mulher de pulso firme, quase não sorria, sempre estava por perto, quando percebia que estavam fazendo algo que não a agradasse, éramos repreendidos e ela nos colocava de castigo, sentados no banco do refeitório, mas não tivemos problema com isso, pois percebíamos o carinho e atenção que ela tinha por todos.

Também me recordo de outra professora que tive, era a Dona Nilce, também muito querida pelos alunos, pois ela morava no bairro e conhecia cada um de nós.

Todo o final de ano, ganhávamos presentes, geralmente era bola. Fazíamos apresentações no palco, em datas comemorativas.

Eu tocava reco-reco na banda e saíamos pelo bairro no desfile de 7 de setembro, também desfilávamos no centro da cidade. Participávamos de torneios entre os Parques Infantis que sempre aconteciam no Ginásio de Esportes, todo o bairro ia, era uma festa!

Fiquei no Parque dos 6 aos 12 anos de idade, depois fui estudar o preparatório do curso de admissão para entrar no ginasial. Minha infância no Parque Infantil foi muito boa, só tenho recordações felizes.

Entrevista VI

Entrevistada: Aluna Maria Clara (nome fictício – a entrevistada solicitou sigilo))

Data: 10 out. 2004 **Local**: Sorocaba, SP

Soube que o Parque Infantil, ia ser inaugurado através de uma amiga da minha mãe, quando fomos entregar a roupa lavada e passada aos seus fregueses. Ao passar perto da Rua dos Morros vimos uma movimentação estranha, eram os "homens", que eu acho que eram da prefeitura, quebrando e medindo a rua que disseram que era para colocar os trilhos do bonde, para chegar até perto de um Parque Infantil que ia ser inaugurado.

Eu tinha 10 anos, o ano era 1954, eu acho que era bem no começo do ano, porque ainda não havia começado as aulas. Eu estudava na Escola Estadual "Senador Vergueiro", e estava triste porque havia repetido o 3º ano primário, reprovei em matemática. Eu não conseguia aprender direito, tinha que ajudar minha mãe com os meus quatro irmãos menores e com a limpeza da casa, ela era lavadeira e passava o dia no tanque. Meu pai era pedreiro.

Nossa vida era bem difícil, quando meu pai conseguia "pegar" algum serviço grande de pedreiro as coisas eram razoáveis, mas nem sempre aparecia e ele vivia fazendo "bicos", conserto em calçadas, troca de pisos, muros, etc., ele vivia de mau humor e toda sexta feira chegava tarde e bêbado, brigava com a minha mãe e eu morria de medo, lembro de meus irmãos chorando muito. Ele começava a beber na sexta e só parava no domingo.

Naquele mesmo ano, inauguraram o Parque. Vimos uma movimentação grande de pessoas, eu morava bem perto, apenas a duas quadras. Nossa vizinha falou para a minha mãe nos colocar ali, que já estavam fazendo inscrição e tinha bastante gente que queria vaga. Minha mãe de inicio relutou um pouco, mas com muita insistência minha acabou indo até o Parque. Colocou então meus irmãos, com 6, 4 e 3 anos de idade, não colocando eu e minha irmã com 8 anos, dizendo que já estávamos grandes e que já íamos na escola.

Eu levava meus irmãos e ficava observando as brincadeiras das crianças, no playground, na areia, na casinha de bonecas, mas o que eu mais queria era entrar naquela piscina. Foram longas insistências para a minha mãe, principalmente depois de ver uma amiga minha da escola primária, que estava lá no Parque. Para minha alegria ela acabou concordando e colocou eu e a minha outra irmã. Íamos os cinco para o Parque. Íamos de chinelo de dedo, tipo havaianas, o meu estava bem gasto. Lembro da diretora, uma mulher bem vestida, muito bonita, mas eu tinha muito medo dela porque era bem enérgica. Ela veio falar com a minha mãe sobre o uso do uniforme, principalmente de nós não podermos ir à escola de chinelos. Mas não tínhamos dinheiro. Tivemos que ficar alguns, "longos" dias, sem ir ao Parque. Minha mãe então fez calções para nós com saco de farinha alvejado e tingido de azul, o das meninas tinha elástico nas pernas, com o pouco dinheiro de lavadeira, comprou calçado tipo "enxuga poças" para as meninas e calçados tipo "conga" para os meninos.

Eu adorava o lanche, principalmente a polenta, comia umas três vezes. Tinha uma mulher que servia e ajudava na cozinha que enchia o meu prato. Mas se a cozinheira visse não deixava, dizia que só podia repetir uma vez. Do leite eu também gostava, tinha um cheiro e sabor diferente. Em casa tomávamos café até quase a borda da caneca e o leite era só pingado. Minha mãe dizia que o leite era para os menores, então no Parque eu me "esbaldava".

Ah! a piscina, era enorme e era uma delícia, o uniforme era outro para poder nadar, novamente minha mãe fez calções, desta vez tingidos de vermelho. Se não estivéssemos com a

cor correta não podíamos entrar. Éramos vistoriados e tínhamos que dar voltas na piscina antes de entrar na água. A professora dizia que era para se aquecer.

A minha professora era brava, tudo tinha que ser certinho, não podia sair da sala sem a sua permissão e quando errava alguma coisa era repreendida (eu fazia lições da escola primária lá no Parque), mas o que eu mais gostava além da piscina, era dos jogos, de damas, de pinos, de dominó, de quebra cabeças, poderia passar o dia jogando. Lembro-me do dentista, morria de medo dele, e vez ou outra a professora nos levava até ele para examinar os dentes, eu, coitada, tão nova, e já tinha enormes "panelas" nos dentes.

Sempre que tinha apresentações no Parque eu não participava, porque nunca tínhamos dinheiro para ajudar na confecção de alguma fantasia. Em meados de 1955, não pude mais ir ao Parque, minha mãe engravidou novamente e as coisas estavam piores em casa então comecei a vender bananas, mandioca, ou o que aparecesse, vendia nas ruas, ia de casa em casa. Mas os outros irmãos graças a Deus continuavam no Parque, porque pelo menos lá eles estavam bem alimentados e cuidados.

Por ironia do destino fui professora da rede estadual de ensino. Hoje estou aposentada.

ANEXO A - ARTIGO: O HÁBITO DA ATIVIDADE MUSCULAR



Artigo, O hábito da atividade muscular, de professor José Carlos de Almeida Jornal Cruzeiro do Sul, dia 09 maio 1953, sábado, página 7

ANEXO B – ARTIGO: PARQUES INFANTIS (1)

PARQUES INFANTIS

O problema, n questão; não e nova. Tivemos oportunidade, muitas e muitas vezes, de falar sobre a necessidade dos parques in-fantis em nossa terra. Outras tantas veses, apelamos para as autoridades constituidas, chamando a sua atenção para a questão, ciamando por providencias indispensaveis Outras veses, concitamos as industrias, os proprietarios de terrenos bal dios, para colaborar nessa campanha salutar, em favor des serocabanes, des paulistas, dos brasileiros de amanha Extenuamotios citando exemplos dignos de serem seguidos, promovendo "enquetes" atravės das quais ouvimos as maiores autoridades na materia. Fizemos tudo quanto era possivel fazer-se pelas colunas deste mesmo CRU-ZEIRO e do COMERCIO (este nos seus aureos e saudesos tempos!), forcando a germinação da semente bendita Aparentemente, tudo fol em vão. Sucederam-se os Dias das Crianças e, para elas, continuamos oferecendo apenas discursos bonitos De pratico, apenas uma lei devidamente sancionada, mas não executada Agora, porem, movimen tam-se as autoridades locals, no sentido de tornar realidade o espirito da referida lei, de concretisar esse souho acalentado tanto tem po por nos! Rejubilamo-nos ante essa bela perspectiva e nos sentimos na obrigação moral de vir a publico, trazer os nossos aplausos aos que assim o fazem. A crianca sorocabana, os nossos filhos, merecem essa atenção particulariasima e carinhosa, essa iniciativa sempre o-

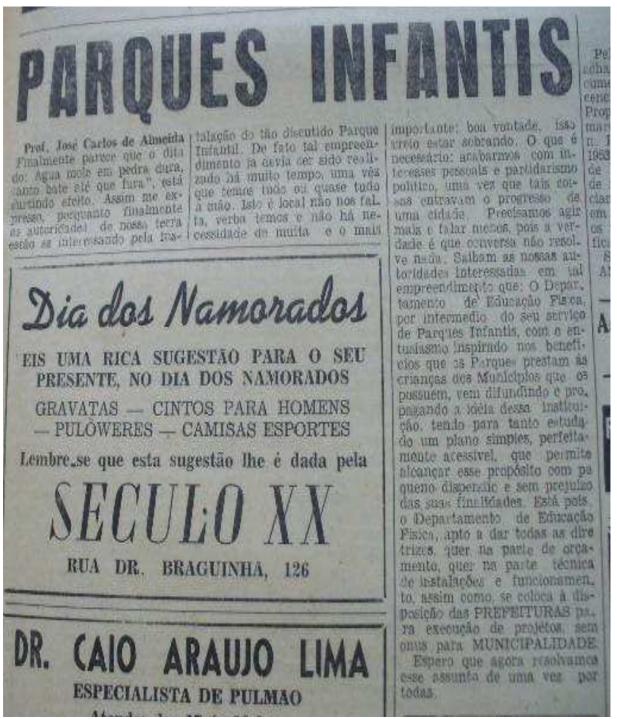
ES.

は江

portuna e digna de todas as nossas melhores tradições Cabe apenas aqui, um lembrete: dada a situação especialissima de desenvulvi-mento e do crescimento de Sorocaha, a localisação suas industrias e dos nucleos residenciais, e desiminde demografica de alguns dos seus hairros essencialmente operarios, não resolveremos a situação apenas com a instalação de um par Precisaremos criar e instalar alguns parques infantis, em pontos estrategicox, de facil ocesso, principalmente para as crianças que são obrigadas a ficarem a sos, enquanto os seus paia trabalham . Essa era uma das raxões pelas quais, em campanhas anteriores, apelavamos para as grandes industrias locais. Quasi todas clas dispoc de aren de terrenos em condições ideais para a instalação de parques infantis, assim como quasi todas elas muntem os seus operaries mais on menos agrupados em nucleos residenciais de sua propriedade. Si as autoridades municipais se dispée, agera, a encarar a situação de frente, é chegado pois a momento de colaborarmos decididamente para a concretisação desse sonho. Falamos us industrias, porque exatamente os filhos dos operaries, des construtores da grandesa do nosso parque industrial, é que irao ser es mais beneficiados no caso. Fica aqui o lembrete, senhores, e continuemos trabalhando em favor de amparo e profeção efetiva para a criança sorocabana, pois precisamos cuidar da sua formação moral e civica. (BCS)

Artigo, Parques Infantis, de professor José Carlos de Almeida Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, dia 13 maio 1953, quarta feira, página 1.

ANEXO C – ARTIGO: PARQUES INFANTIS (2)



Artigo Parques Infantis, de professor José Carlos de Almeida Jornal Cruzeiro do Sul, dia 06 jun. 1953, sábado 7 página

ANEXO D - EDITAL DE MATRÍCULA: 31/07/1954

PREFEITURA MUNI DE SOROCAB 1.0 PARQUE INFANTIL MUNICIPAL Edital de Matricula Senhores Pais: De 2 a 30 de Agosto próximo, das 9 às 11 horas e das 14 às 16 horas, realizar-se-ão as matriculas das crianças que desejarem frequentar o Parque faitil desta cidade. As crianças deverão comparecer acompanhadas de um dos progenitores ou pessôa responsável, munidos de certidão de idade, provando idade de 3 anos e máxima de 12 anos (êste documento será devolvido apóz anotação dos dados). matricula será feita Rua Cel. Nogueira (ponto final dos bondes). Scrocaba, 31 de Julho de 1954. Lucy de Barros Nardy Parque do Diretora Infantil

Edital de matrícula: 31 set. 1954 Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, dia 03 ago. 1954, 3 feira, 1 página

ANEXO E - ARTIGO: PRIMEIRO PARQUE INFANTIL DE SOROCABA



Artigo, Primeiro Parque Infantil de Sorocaba, de prof. José Carlos de Almeida Jornal Cruzeiro do Sul, 12 set. 1954, domingo, página 3.

ANEXO F – ARTIGO: É UMA REALIDADE O PARQUE INFANTIL DE SOROCABA



Artigo, é uma realidade o Parque Infantil de Sorocaba Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, 06 set. 1954, domingo última página

ANEXO G – ARTIGO: 1º PARQUE INFANTIL DE SOROCABA

5.a feira, 14 de ontubro de 1954	
1.0 Parque Infa	ntil de Sorocaba
Oportuna opinião técnica s	óbre éste logradouro páblico
Como sabem os nossos leitores, já está em franco funcio- mamento o 1 o Parque Infantil desta cidade. Um logradouro magnifico, dotado de todas as modernas instalações técnicas, dominando garbosamente os altos da rua Cel. Nogueira Pa- dilha, proporcionando a cerca de meio milhar de crianças, en- tretenimento sadio, graças a dedicação e competência das professoras, às quais foi entre- gue a incumbência de zelar por aquele patrimonio que nos é duplamente caro. Agora temos em mãos um documento bas- tante expressivo, com relação ao 1 o Parque Infantil desta cidade. Trata-se de um têrmo de visita que, apesar do seu laconismo, deixa entrever o que é aquela magnifica realidade. Esse têrmo está subscrito pe- la Orientadora Técnica dos Parques Infantis e, para conhe- cimento geral vamos transcre- ve-lo na integra: Têrmo de Visita "Sorocaba, 30 de Setembro de 1954. Estive em visita a este Par- que Infantil nos dias 29 e 30 do corrente més, dando toda a prientação precisa. Assisti todas	as atividades, as quais vem sen do dadas com carinho e dedi cação das professoras. Dei Assistência Técnica e Pe dagógica à sra. Diretora e Pro- fessoras. Deixei termos de abertura e todos os livros do Parente.

"Opinião técnica - sobre este logradouro público", Rosa Serrastro Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, 14 out. 1954, 5 feira, página 10.

ANEXO H – REGIMENTO INTERNO DOS PARQUES INFANTIS DE SOROCABA



Regimento interno dos Parques Infantis de Sorocaba Jornal Cruzeiro do Sul, 14 nov. 1958, 6 feira, página 10.